



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

FABIANNE SILVA SAGICA

**LA REPRESENTATIVIDAD NEGRA DE ZARITÉ SEDELA EN LA OBRA “*LA ISLA  
BAJO EL MAR*” DE ISABEL ALLENDE**

ABAETETUBA/PA

2019

FABIANNE SILVA SAGICA

**LA REPRESENTATIVIDAD NEGRA DE ZARITÉ SEDELA EN LA OBRA “*LA ISLA  
BAJO EL MAR*” DE ISABEL ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
obtenção de grau de Licenciatura em Letras– Língua  
Espanhola, Faculdade de Ciências da Linguagem,  
Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria José Souza Lima.

ABAETETUBA-PA

2019

FABIANNE SILVA SAGICA

**LA REPRESENTATIVIDAD NEGRA DE ZARITÉ SEDELA EN LA OBRA “LA ISLA  
BAJO EL MAR” DE ISABEL ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.<sup>a</sup> Esp. Maria José Souza Lima, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola, Faculdade de Ciências da Linguagem, Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau do Curso de Licenciatura em Letras Língua Espanhola.

**APROVADA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>ª</sup>. Esp. MARIA JOSÉ SOUZA LIMA  
Orientadora- UFPA

---

Prof.<sup>º</sup>. Msc. JOÃO PEREIRA LOUREIRO JÚNIOR  
Examinador externo-UFPA, Castanhal

Dedico à meu avô Domingos da Silva Sagica

*(in memorian)* Eternas Saudades!

Ao meu avô Euclides Reis e Silva

*(in memorian)* Muitas Saudades!

Aos meus pais: Herculano Sagica e Ozenita  
Lobo

Aos meus irmãos: Fernanda Sagica, Fernando  
Sagica e Fabianno Sagica.

A todas as mulheres negras. Minhas ancestrais  
que possibilitaram meu percurso de estudos e  
batalhas até aqui em prol de aprendizado e  
conhecimento das lutas sociais em busca de  
liberdade e igualdade para nosso povo!

## AGRADECIMENTOS

"Dê louvores ao Senhor, ó minha alma! Todo o meu ser louve o seu santo nome." Salmos 103:1.

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder o dom da vida, por me agradecer com muita força nos momentos mais difíceis, pela sabedoria e discernimento em todas as minhas decisões, por guiar meus passos com muita luz, agradeço pela intercessão de Maria Santíssima, que ilumina a minha vida, elevo minhas preces e toda minha gratidão a Deus Pai, meu coração se volta ao único que me conhece, que me sustentou e derramou bênçãos sobre minha vida e me ajudou até aqui.

Obrigada meu Senhor!

Agradeço ao meu avô Domingos da Silva Sagica (*in memorian*) meu primeiro contador de história, símbolo de força, coragem e principalmente determinação, acreditou e me ensinou tanto. Agradeço por tudo vovô e lhe dedico este trabalho que é muito além de um simples documento, é a realização de um sonho, como prova de todo meu amor e gratidão, obrigada.

Ao meu avô Euclides Reis e Silva (*in memorian*) o maior exemplo de determinação, gentileza e humildade, tenho plena certeza que ficaria orgulhoso por mais essa vitória em minha vida, obrigada por me repassar tantos valores lhe dedico esse trabalho como prova de total persistência e sacrifício. Gratidão por tudo meu avô.

Aos meus pais Herculano da Costa Sagica e Ozenita Lobo e Silva. Obrigada pai por nunca desistir dos meus sonhos e ajudar alcançar minhas metas superando todos os obstáculos ao meu lado, obrigada minha mãe por ser minha primeira professora por me ensinar tudo nessa vida, por sempre me acompanhar, por todas as palavras de consolo e incentivo. Sem vocês eu não seria nada, eu amo vocês.

Aos meus irmãos Fernanda Sagica, Fernando Sagica e Fabianno Sagica. Obrigada por encherem minha vida de alegria e luz, agradeço por serem fieis companheiros em todas as minhas batalhas, por sempre me acompanharem em todos os meus sonhos e loucuras, vocês são as estrelas da minha vida, sempre guiando minha direção.

Gostaria de agradecer as minhas amigas: Beatriz Sagica, Daiana Ferreira, Poliana Diniz e Welen Raiane. Vocês foram essências em minha caminhada acadêmica, sempre com muito apoio e alegria estiveram ao meu lado nos momentos de aflições e glória, sou grata por tudo que representam em minha vida e tudo que me proporcionaram ao longo desses quatro anos de curso. Obrigada meninas, muita luz e sucesso para todos nós.

Também em especial minhas amigas: Emily Abreu, Cleuza Almeida e Keylla Rodrigues, assim como ao meu amigo Anderlei Vilhena, obrigada por todo carinho e ajuda sempre me incentivando e acreditando no meu potencial se fizeram presentes em inúmeros momentos de minha vida. Obrigada a todos muitas vitórias!

A turma de Letras Língua Espanhola 2016, por todos esses anos de companheirismo, de alegrias e muita determinação e coragem para superar as barreiras, aos que ficaram até o final e continuaram a missão, obrigada por tornar as tardes mais agradáveis e felizes ao longo desses quatro anos de muito esforço e sacrifícios em busca de sonhos. Obrigada!

“Baila, baila, Zarithé, porque esclavo que baila es libre...  
*mientras baila*’, me decía. *Yo he bailado siempre.*”(ALLENDE, 2009)

## SUMÁRIO

1. **INTRODUCCIÓN**
2. **LA VOZ FEMENINA EN LA LITERATURA LATINOAMERICANA**
  - 2.1 EL POST BOOM DE LA LITERATURA FEMENINA EN AMÉRICA LATINA: EL REALISMO MARAVILLOSO DE ISABEL ALLENDE
  - 2.2. TRAYECTORIA DE LA MUJER NEGRA: DE LA SUMISIÓN AL FEMINISMO NEGRO
3. **ZARITÉ SEDELLA LA PROTAGONISTA DE LA LIBERTAD HAITIANA**
  - 3.1. *LAS MUJERES NO SON COBARDES*: LIBERTAD E IGUALDAD PARA LAS ESCLAVAS
  - 3.2. MATERNIDAD Y NEGRITUD REPRESENTADA POR ZARITÉ
  - 3.3. *TIEMPOS REVUELTOS*: LA REVOLUCIÓN HAITIANA ZARITÉ PROTAGONISTA EN LA LUCHA DE LA CREACIÓN DE LA REPÚBLICA NEGRA DE LAS AMÉRICAS
4. **REPRESENTATIVIDAD NEGRA: PIONERAS DEL COMBATE ESCLAVISTA**
5. **METODOLOGÍA DE INVESTIGACIÓN**
6. **LA CONSTRUCCIÓN DE LA REPRESENTATIVIDAD NEGRA ANALISIS DE “LA ISLA BAJO EL MAR” DE ISABEL ALLENDE**
7. **CONSIDERACIONES FINALES**  
**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**  
**ANEXOS**

## LA REPRESENTATIVIDAD NEGRA DE ZARITÉ SEDELA EN LA OBRA “*LA ISLA BAJO EL MAR*” DE ISABEL ALLENDE

Fabianne Silva Sagica<sup>1</sup>  
Tutor (a): Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria José Souza Lima<sup>2</sup>

**RESUMEN:** Este trabajo, tiene la finalidad de proponer un análisis de la representatividad negra de Zarité Sedella a partir de la obra “*La isla bajo el mar*” de Isabel Allende, realizando una discusión de la importancia de la representación negra y toda la lucha en búsqueda de la libertad. El análisis de la obra surge una desconstrucción de la figura femenina frágil, contemplando como símbolo de fuerza y representatividad, libre de pensamientos eurocéntricos e ideologías racistas, realizando la desmitificación como un objeto pasando ser vista como una marca expresiva de resistencia y superación. Analiza el personaje Zarité Sedella contra la esclavización Haitiana, empleando las mujeres negras como protagonista de las luchas sociales con el deseo de libertad, reconociendo su valor a través de su negritud y maternidad, las voces silenciadas de la historia y menospreciada al largo del tiempo ahora retoman su espacio. Los presupuestos teóricos están basados en los estudios de BEAUVOIR (1980), BUCK (2005), DAVIS (2005), JABARDO (2012) PERROT (2006).

**Palabras claves:** representatividad. mujer negra. maternidad. revolución haitiana.

**ABSTRACT:** This work has the purpose of proposing an analysis of the black representation of Zarité Sedella from Isabel Allende's “The island under the sea”, making a discussion of the importance of black representation and all the profit in the search for the liberated The analysis of the work emerges a deconstruction of the fragile female figure, contemplating as symbol of strength and representation, free of Eurocentric thoughts and racist ideologies, realizing the demystification as an object to be seen as an expressive mark of resistance and overcoming. Analyzes the personage Zarité Sedella against Haitian enslavement, emplacing black women as protagonist of social goals with the desire for liberty, reconnecting their value through their neglect and motherhood, their silenced history and depreciation throughout time take back your space. The theoretical assumptions are based on the studies of BEAUVOIR (1980), BUCK (2005), DAVIS (2005), JABARDO (2012) PERROT (2006).

**Key words:** representativity. Black woman. Maternity. Haitian revolution.

---

<sup>1</sup> Alumna de la carrera de Letras- Español (UFPA) Universidade Federal do Pará- Campus universitario de Abaetetuba. Correo electrónico: [sagica93@gmail.com](mailto:sagica93@gmail.com)

<sup>2</sup> Profesora de la Facultad de Letras-Língua espanhola de la Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Abaetetuba. Graduada en Letras/Español por la Universidade Federal do Pará, Campus Universitario de Castanhal. Especialista en Metodología de enseñanza en lengua portuguesa y extranjera. (UNINTER) Correo electrónico: [maryjoseph@hotmail.com](mailto:maryjoseph@hotmail.com)

## 1. INTRODUCCIÓN

Este trabajo tiene como objetivo principal la representatividad negra a través de mujeres que rescribieron sus caminos por tener grandes actos en la historia, a decir el personaje Zarité Sedella que va llevar al cume de lucha y resistencia que es representada por su negritud, maternidad, creencias y su condición femenina, teniendo en cuenta todos los hechos que condujeron a la esclavización y la revolución Haitiana, posibilitando el desarrollo de múltiples discusiones en torno de la figura femenina, de las cuales destacamos la protagonista Zarité como un símbolo de representatividad.

La novela *“La isla bajo el mar”* (ver en anexo) de la escritora chilena Isabel Allende oportuna la discusión acerca de la representatividad negra, como la figura de Zarité es importante como líder de toda una lucha llena de obstáculos, además que fueran menospreciada a lo largo del periodo de esclavitud, son las mayores víctimas del machismo, perjuicios, exploradas y rechazadas de sus derechos y del medio social, por mucho tiempo tuvieron que se mantener en silencio, consiguientemente voces que se quedaran calladas por años, a fin de cuentas soportaran toda la violencia.

A saber todo el sufrimiento que enfrentaran, las fortificó en la caminata de lucha, de armadillas, de la superioridad y la discriminación racial, tenemos una doble resistencia en que ellas son las intérpretes de una historia que puede ser reescrita, con la exaltación del cuerpo negro, empoderamiento, evidenciando su negritud y maternidad, de hecho imponer su presencia, que hoy son las últimas barreras de la reluctancia en oposición a la esclavitud. Así pues, la literatura es indispensable para hacer reflexiones y la construcción de discursos que combaten la distinción, rescatar su espacio en la sociedad.

Ese trabajo trata de una pesquisa bibliográfica del análisis del personaje Zarité en *“La isla bajo el mar”* del libro de Isabel Allende, en busca de rescatar la presencia femenina por su fuerza en la iniciativa de igualdad y libertad de su raza. En una investigación crítica que engrandece la promoción de la autonomía de las mujeres negras que transmiten valores culturales, delante de todos los estereotipos impuestos por la sociedad, por añadidura visando también el movimiento del Feminismo Negro que busca alcanzar los derechos, implica en la ruptura de perjuicios, facilitando la educación en la literatura y la reflexión sobre las mujeres.

Este artículo tuvo como embasamiento teórico los estudios de BEAUVOIR (1980), BUCK (2005), DAVIS (2005), JABARDO (2012), PERROT (2006), entre otros estudiosos que hablan a respeto de la representación femenina. Es decir, para una mayor percepción, este trabajo fue dividido en cinco capítulos y algunas subdivisiones. En el primer momento una

abordaje histórica de la mujer negra y su empoderamiento, después como la literatura abarca los movimientos y los personajes femeninos, en la secuencia la libertad para Zarithé, así como la maternidad y negritud que son expuestos en la obra y por fin el análisis crítica del personaje y su representatividad negra delante de la esclavitud.

Después de los hechos presentados en torno de la representatividad negra, esa investigación tiene la utilidad de hacer reflexiones sobre Zarithé Sedella y su protagonismo en la sociedad, de la esclavitud hasta la lucha del Feminismo Negro y espacio de habla, tiene la función de exaltar Zarithé Sedella como un símbolo de representatividad, trayendo la importancia de la obra *“La isla bajo el mar”* viene demostrar la objeción contra la exploración, negras que murieron para alcanzar la libertad, sobrevivientes de la más atroz deshumanización, que son las líderes de los movimientos, y sin dudas las que merecen reconocimiento en busca de la libertad de sus cuerpos, que para los negros era más cercano del paraíso en la tierra.

## 2. LA VOZ FEMENINA EN LA LITERATURA LATINOAMERICANA

La literatura es el universo que narra, describe y detalla los hechos históricos sean ellos románticos, de aventuras, fantástico, imaginario o sencillamente revolucionario, hay una grande voluntad de homenajear los personajes, la mayoría siempre fueran los hombres, ahora bien, vamos ver con una otra mirada la literatura y como de ella surgió las mayores heroínas de toda la historia, mujeres que van salir de la zona de sumisión y lograr sus objetivos de la forma de imponer su condición femenina principalmente en las obras literarias.

Al mismo tiempo, es interesante narrar que en la sociedad las personajes femeninas son denominadas como sumisa, un objeto, muchas veces es narrada en las historias como secundaria, evidente que esa cuestión de asociar como inferior a los hombres y sin duda al proceso de transmisión de ideologías machistas, es subyugada y silenciada por el sistema patriarcal, en contrapartida nuevas historias son reescritas, que incansablemente luchan por el admisión de la sociedad. La presencia de la mujer en la literatura es de invisibilidad, así las palabras de Conceição Evaristo:

Siendo las mujeres invizibilizadas, no solo por las páginas de la historia oficial, más también por la literatura, y cuando se tornan objetos de la segunda, en la mayoría de las veces, surgen ficcionalizadas a partir de estereotipos varios, para las escritoras negras caben varios cuidados.

Aseñorado-se “de la pena”, objeto representativo del poder falocêntrico blanco, las escritoras negras buscan inscribir en el corpus literario brasileiro imágenes de una

auto-representación. Surge el habla de un cuerpo que no es apenas descrito más antes de todo vivido. A escre(vivencia) de las mujeres negras explicita las aventuras y las desventuras de quién conoce una dupla condición, que la sociedad persiste en querer menospreciar, mujer y negra. (EVARISTO, 2005, p.205, énfasis de la autora)<sup>1</sup>. Traducción nuestra

Por consiguiente, en la literatura la descripción es de una voz silenciada subrayando Perrot (2006, p. 10) “Las mujeres no tienen apellido: sólo nombre de pila. Aparecen confusamente, en la penumbra de grupos oscuros.” ahora debe trazar nuevos caminos, de visibilidad, de victorias, delante de las causas más justa y principalmente por la analogía de razas, géneros, derechos, y la soltura de todos para una vida justa, sin desigualdades o actitudes que lleven nuevamente al pensamiento patriarcal y explorador que vivieran durante mucho tiempo en la esclavitud.

Dado que, muchas escritoras hablan de las mujeres que viven en la América Latina, describiendo sus características y como constituyen una identidad de extrema importancia para el pueblo, la comunidad recibe esas luchadoras y atributo de superación, de todo un pueblo latino que por mucho tiempo tuvo su nación robada, su cultura, su riqueza e identidad, ahora bien retoman un lugar principal, que resurgieran de la oscuridad para un nuevo tiempo de luz y sobretodo de una literatura que la ellas son inserida y reconocida con todo las estudiosas Mariel Reinoso y Lilian Von der Walde:

Rebatiendo alto y claro los argumentos falaces, la literatura feminista recupera el lenguaje literario de las mujeres a lo largo de la historia, y recoge la recurrencia tradicional de una ausencia en la autodefinition y en la autodeterminación, lo que se ha dado en llamar “el lenguaje del silencio” de las mujeres; como tal, “interpretado” por el patriarcado a su gusto y para su consumo. (REINOSO; WALDE, 2009, p.559)

El protagonismo no viene solamente de Zarité Sedella en la obra “*La isla bajo el Mar*”, antes bien, tiene la presencia de la escritora Argentina Chiriboga en la obra *Jonatás y Manuela* (1994) que habla de la lucha de los esclavos contra la imposición de un nombre religioso y la exploración, Chiriboga (1994, p.86) “Jonatás, Jonatás, así mis padres nunca me

---

<sup>1</sup> Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados.

Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p.205, grifo da autora).

encontrarán. Nasakó, ahora Jonatás, ¿con qué nombre terminaré la vida?” una vez que los esclavos tienen que olvidar sus raíces, cultura hasta su nombre de nacimiento, ahora pasan ser productos, personas que deben trabajar y servir a los patrones.

Aunque, la incoformidad era un hecho ya perceptible, los esclavos que sufrieron con la esclavitud Chiriboga (1994, p.125) “¿por qué los negros debían vivir así, por qué debían ser vendidos? Por qué el dios blanco permitía todo eso? No comprendía” la esclavitud era algo que el pueblo africano debe cargar sin luchar, o que no iría ocurrir, de todas maneras impusieron su modo de ser y su negrura.

En consecuencia, una de las obras de gran importancia es *Las esclavas de rincón* (2001) de Susana Cabrera que habla como dúas esclavas llamadas Encarnación y Mariquita van a cometer un asesinato contra su patrona llamada Celedonia de Salvañach a saber la cita de Cabrera:

Mariquita fue llevada a la sala de los interrogatorios, tenía que mentir, temblaba de frío pero no sentía miedo, antes de comenzar las preguntas la hicieron jurar por Dios, hacer la señal de la cruz y bajo un crucifijo se comprometió a decir la verdad de lo sucedido. (CABRERA, 2001, p. 172)

Más claramente, esta obra implica en comprender los motivos que llevarán a las esclavas de no aceptar los azotes, las puniciones, la propia degradación humana y todas las marcas del sistema esclavista, mismo con un acto de rebeldía las esclavas son condenadas a la muerte en 1823 en una plaza, o que nos presenta ser un ejemplo para los demás esclavos para inhibir una revolución que el pueblo blanco no podría controlar la furia de los negros.

En efecto, hablar de la figura femenina en la literatura es crear visibilidad para esas figuras importantes, a saber, una idea creada que solamente los hombres comandaban las revoluciones, aún con una concepción discriminatoria, ahora tienen un espacio que va se adecuado para ellas, a continuación de marcas y trayectoria de todo un ejército de mujeres que empezaran con pequeños actos, grandes escritoras son relevadas y concederán voz para todas las otras de la clase, de ese modo postula Mariel Reinoso y Lilian Von der Walde:

Con la llegada de la voz de la mujer a la literatura ha habido una considerable ampliación de los conceptos, usos y posibilidades, que no sólo favorecen los intereses de aquellas que merecen hablar por sí mismas, sino también los de aquellos que quieren hablar con su propia voz y no con un lenguaje impuesto y “adecuado”. (REINOSO; WALDE, 2009, p.559)

Pues bien, esa acción revolucionaria de las mujeres en los estudios literarios no solo como personajes, pero que como escritoras que van hablar por todas ellas, es el mayor éxito de algunas conquistas en el medio social, ahora con su propia lenguaje y libertad en sus escritos, de visibilidad y autonomía, de un modo adecuar a los escritos y traer la voz femenina como una herramienta para romper la discriminación y la idea de inferioridad “Le concedo que en un aspecto la raza blanca es superior: somos más agresivos y codiciosos.” (ALLENDE, 2009, p.69)

La contribución de Mariel Reinoso y Lilian Walde:

La meta ficción historiográfica feminista busca la redefinición del papel de la mujer a través de los tiempos y explora posibilidades con frecuencia más válidas y lógicas que el mutismo y la ausencia que habían sido atribuidas a las mujeres hasta ese momento. (REINOSO; WALDE, 2009, p. 560)

De ese modo, la meta ficción historiográfica viene revelar la relevancia de mujeres en la literatura desempeñado el papel de redefinición, un acto de explorar los ámbitos que ellas pueden lograr de un modo particular, de un rescate de la voz, una identidad lingüística, mismo en una obra ficticia, pero es la ficción que retrata una personaje ficticia, sin embargo con un cuño literario, a saber que son importantes al largo de la historia, que escribe los caminos de una representación formal o una distinción del contexto histórico en virtud de eso el pensamiento de Linda Hutcheon:

La meta ficción historiográfica, por ejemplo, mantiene la distinción de su auto-representación formal y de su contexto histórico, y al hacerlo problematiza la propia posibilidad de conocimiento histórico, porque allí no existe conciliación, no existe dialéctica- apenas una contradicción irresoluta. (HUTCHEON, 1991, p.142)<sup>2</sup>  
Traducción nuestra

En síntesis, ese abordaje sobre la literatura y el surgimiento de la figura femenina, expresa íntimamente con las mujeres surgen en el relato para decir a la sociedad que tiene la actitud de hacer cambios que nada puede parar la determinación a poner un fin en la superioridad y opresión, que toda revolución que ahora son las personajes principales, que salieran de oscuridad, así la fuerza que exprime el personaje de nuestra análisis Zarité Sedella

---

<sup>2</sup> A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética - apenas uma contradição irresoluta

ejemplifica bien la representatividad de la mujer inserida en el contexto de la esclavitud y símbolo de revolución.

## 2.1 EL POST BOOM DE LA LITERATURA FEMENINA EN AMÉRICA LATINA: EL REALISMO MARAVILLOSO DE ISABEL ALLENDE

La célebre escritora Isabel Allende Llona dueña de la obra *La casa de los espíritus* (1982) una de su obra más famosa, la estudiosa tiene una característica peculiar en sus escritos, una vez que exalta la mujer con mucha fuerza y representatividad así como la presencia del realismo maravilloso en sus obras, la construcción de sus personajes deben ser libres o personas que deben tener reconocimiento. El post boom literario, es el movimiento que surgió en meados de la década de los 70 y los 80 del siglo XX, pero hace una mención al Boom de los años 60 con eso tragó muchas escritoras para la nueva literatura.

Conviene subrayar, que el post boom es una generación de escritoras hispanoamericana que va llevar la personalidad femenina en las obras, el movimiento tiene la función de hablar sobre el retorno del movimiento llamado realismo, a fin de cuentas es una lectura que poseen lenguaje más comprensible y directa, por consiguiente una característica del realismo definido por la estudiosa Chiampi (1980, p. 21) “representar las cosas concretas y palpabais, para tornar visible el misterio que ocultan”<sup>3</sup>, con el cuidado de relatar hechos históricos, detallando la cultura, las creencias y la historia con la presencia del realismo maravilloso.

Así, la presencia del realismo maravilloso en la obra “*La isla bajo el mar*”, es el relato del personaje Macandal, el personaje tiene una peculiaridad que son sus poderes licantrópicos, tiene un discurso de cuño histórico y verdadero, ya que era hijo de un rey en la África y presente en el combate por la liberación de los negros, la muerte de él fue quemado en una hoguera, trayendo más relevancia, del esclavo en el conflicto así como el mítico que trae aspectos de las creencias africanas como el vudú Allende (2009, p.43) “Macandal, el príncipe de Guinea, se transformaba en pájaro, lagartija, mosca, pez.”

Pongamos por caso, el realismo maravilloso en la obra se entrelaza con la presencia fuerte del vudú la religión de los negros, todo eso hace que los escritos de Allende sean de gran valor en la literatura y su nombre es lo mayor del realismo maravilloso, así como en la extrema relevancia en el post boom de la literatura, como los escritos los cambiaran a lo largo

---

<sup>3</sup> “representar as coisas concretas e palpáveis, para tornar visível o mistério que ocultam”.

del tiempo, trayendo una nueva versión o que vamos conocer como “generación nuevísima” que retrata en ese trabajo, por eso Chiampi define el maravilloso:

Maravilloso es el “extraordinario”, el “insólito”, el que escapa al curso ordinario de las cosas e de los humanos. Maravilloso es lo que contiene a *maravilha*, del latín *mirabilia*, o sea, “las cosas admirables” (bellas o execrables, buenas u horribles), contrapuestas a las *naturalia*. En *mirabilia* está presente el “mirar”: una mirada con intensidad, ver con atención, o aún, *ver a través*. El verbo *mirare* se encuentra también en la etimología de milagro— portento contra la orden natural— y de espejismo— efecto óptico, engaño de los sentidos. El maravilloso recubre, en esta acepción, una diferencia no cualitativa, más cuantitativa con el humano; es un grado exagerado o inhabitual del humano, una dimensión de belleza, de fuerza o riqueza, en suma, de perfección, que puede ser una *mirada* por los hombres. Así, el maravilloso preserva algo de humano, en su esencia. El extraordinario se constituyó de la frecuencia o densidad con que los hechos o los objetos exorbitan las leyes físicas y las normas humanas. (CHIAMPI, 1980, p. 48).<sup>4</sup> Traducción nuestra

Por lo que se refiere a la literatura realista maravillosa, explana nociones que marcaran la civilización y hace un reflejo en los días actuales con la idea de construir una mirada divergente en torno del género femenino, rescatando la relevancia de una mujer escritora, declarar historias de punto de vista femenino, en que los personajes cogitan sobre los escritos, nuevos trazos aún no contados, así los personajes tienen una presencia fundamental, en la posición de ejercer sentido y delinear cronológicamente con efectos del maravilloso haciendo una escrita llena de detalles y riqueza.

En otras palabras, la narrativa debe tener un espacio y un hecho histórico, mientras hay la expresiva presencia de realismo maravilloso y sus aspectos que hacen un contraste en causa y efecto de la obra, de todas las formas Chiampi define:

El régimen casual del realismo maravilloso es dictado por la *discontinuidad entre causa y efecto* (en espacio, en tiempo, en la orden de grandeza). Como ya observó Borges, hay una necesaria conexión, un vínculo inevitable entre cosas distantes en

---

<sup>4</sup> Maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a *maravilha*, do latim *mirabilia*, ou seja, “coisas admiráveis” (belas ou execráveis, boas ou horríveis), contrapostas às *naturalia*. Em *mirabilia* está presente o “mirar”: olhar com intensidade, ver com atenção, ou ainda, *ver através*. O verbo *mirare* se encontra também na etimologia de milagre – portento contra a ordem natural – e de miragem – efeito óptico, engano dos sentidos. O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; é um grau exagerado ou inabitual do humano, uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser *mirada* pelos homens. Assim, o maravilhoso preserva algo do humano, em sua essência. A extraordinariedade se constitui da frequência ou densidade com que os fatos ou os objetos exorbitam as leis físicas e as normas humanas.

una narrativa en que la casualidad es “mágica”. (CHIAMPI, 1980, p. 60).<sup>5</sup>  
Traducción nuestra

Sin embargo, abordar la cuestión del realismo maravilloso y sus vertientes está ligado al sentido de explicar cómo funciona la literatura maravillosa y su relevancia para la sociedad, la estudiosa Bella Jozef (2006, p.188) “es siempre una transposición de la realidad y el realismo nunca podrá ser una enunciación directa de lo real”<sup>6</sup>

De manera que esa habla, refuerza que el realismo no va ser un relato directo y real de los hechos, pero tendrá una abordaje histórica con la presencia del maravilloso, que transforma la obra en algo ficticio con las creencias y sus ideologías en torno de su cultura, que es brillantemente escrita la obra cuando trae esos aspectos como la presencia de Macandal Allende (2009, p.45) “No era un esclavo quien sería ejecutado, sino el único hombre verdaderamente libre entre la muchedumbre. Así lo intuyeron todos y un silencio profundo cayó en la plaza.”

Así, la presencia del vudú en Haití a través de los negros esclavos trae elementos de cuño mágico para lo pueblo y hace una partida para o realismo maravilloso en toda la América Latina, una vez que la nueva literatura y escritoras van traer una nueva mirada y consecuentemente una visión femenina, con más autonomía en el periodo de opresión ya que Zarité practicaba el vudú, enaltece la cuestión del vudú el estudioso Marcelo Grondin:

El vudú mantiene una de las características fundamentales de las religiones africanas; el culto a las divinidades es ejercitado por un grupo de fiéis (*hounsi*) que se colocaban voluntariamente sobre la autoridad de un sacerdote (*houngan*) o de una sacerdotisa (*mambo*) en su santuario (*hounfô*). [...] El desconocimiento favoreció interpretaciones excéntricas y absurdas que nada tiene que ver con una religión, altamente comunitaria, espiritualista y solidaria, tanto en sus rituales como en sus actividades extra rituales,[...] (GRONDIN 1985, p.82)<sup>7</sup> Traducción nuestra

De esa vez Allende narra la historia de Zarité Sedella con una esencia femenina, trayendo aspectos que comprueban su presencia, una propia experiencia vivida, es nítido la

<sup>5</sup> O regime causal do realismo maravilhoso é ditado pela *descontinuidade entre causa e efeito* (no espaço, no tempo, na ordem de grandeza). Como já observou Borges, há uma necessária conexão, um vínculo inevitável entre coisas distantes numa narrativa em que a causalidade é “mágica”. (CHIAMPI, 1980, p. 60)

<sup>6</sup>“ é sempre uma transposição da realidade e o realismo nunca poderá ser uma enunciação direta do real”

<sup>7</sup> O vodu mantém uma das características fundamentais das religiões africanas: o culto às divindades é exercido por um grupo de fiéis (*hounsi*) que se colocam voluntariamente sob a autoridade de um sacerdote (*houngan*) ou de uma sacerdotisa (*mambo*) no seu santuário (*hounfô*). [...] O desconhecimento favoreceu interpretações excêntricas e absurdas que nada têm a ver com uma religião, altamente comunitária, espiritualista e solidária, tanto em seus rituais como em suas atividades extra rituais,[...]

importancia de la esclava Zarité en la generación de mujeres que sale de una zona de obscuridad y tener un espacio de poder y lenguaje con el movimiento literario de post boom, va a tener una femineidad mayor, al contrario de una personaje secundaria y sin intelecto delante de los otros, ahora es la representatividad negra que esta expresivamente presente en las grandes obras literarias rescatando la mujer como personaje principal.

## 2.2 TRAYECTORIA DE LA MUJER NEGRA: DE LA SUMISIÓN AL FEMINISMO NEGRO

Con relación a la trayectoria de la mujer negra es un largo camino de obstáculos, sin embargo la lucha del Feminismo Negro no fue una lucha inicialmente solamente por un ideario de reconocimiento de un color de piel, pero que viene desde la esclavitud intentando conquistar sus derechos de mujer en lo espacio social, es una lucha por igualdad, respeto, dignidad y un lugar en la sociedad, mujeres que tuvieron gran hechos durante toda la historia, entonces el habla de la feminista Djamila Ribeiro cita:

El feminismo negro empezó a ganar fuerza a partir de la segunda onda do feminismo, entre 1960 y 1980, por cuenta de la fundación de la National Black Feminist, en los Estados Unidos, en 1973, y porque feministas negras pasaran a escribir sobre el tema, creando una literatura feminista negra. Sin embargo, me gusta decir que, bien antes de eso, mujeres negras ya desafiaban el sujeto mujer determinado por el feminismo. (RIBEIRO, 2018, p.34).<sup>8</sup> Traducción nuestra

De todas maneras, puede decir que el movimiento está lejos de satisfacciones personales y sino del colectivo visando el bien estar de todos, así es representada en la obra *“La isla bajo el mar”* nuestra personaje Zarité Sedella, así como otras que no caso son Tante Rose su madrina y curandera, además de Violette Boiser una prostituta que no vivía por completo su libertad, por eso la contribución de Abdias Nascimento (2016, p.54) “El

---

<sup>8</sup> O feminismo negro começou a ganhar força a partir da segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980, por conta da fundação da National Black Feminist, nos Estados Unidos, em 1973, e porque feministas negras passaram a escrever sobre o tema, criando uma literatura feminista negra. Porém, gosto de dizer que, bem antes disso, mulheres negras já desafiavam o sujeito mulher determinado pelo feminismo.

costumbre de mantener prostitutas negro- africanas como medio de renda, común entre los esclavistas, revela que además de licenciosos, algunos se tornaban también proxenetas.”<sup>9</sup>

Esto es, siendo de herencia africana, en aquel periodo ya luchaban por la sobrevivencia no solo de la esclavitud, pero de todo que demostrase algún riesgo para sus vidas, la relación del feminismo negro es evidenciar esas mujeres que por años soportaran todo, hoy soy íconos de dedicación, a pesar de que el esclavismo fue una de sus principales luchas contra la deshumanización, no es reivindicar solo salarios justos, derecho al voto, quizás lugar de prioridad, y sí por el reconocimiento de ser considerada una mujer y solo pelo hecho de vivir libre.

De ahí que, una de las pioneras en el movimiento Negro es Angela Davis, siempre habla de su pueblo negro, de las mujeres como una prioridad, que sin dudas que ellas conocerán el sufrimiento bien antes de la hermanas blanca, y hasta mismo de los hombres, una vez que trataban la mujer en el régimen duro del patriarcalismo, de ese modo con todo ardor en búsqueda de derechos iguales, mas solamente ellas imaginan o que la superioridad es capaz de hacer así pues la contribución de Davis:

Proporcionalmente, las mujeres negras siempre han trabajado fuera de sus hogares más que sus hermanas blancas. El inmenso espacio que actualmente ocupa el trabajo en sus vidas responde a un modelo establecido en los albores de la esclavitud. El trabajo forzoso de las esclavas ensombrecía cualquier otro aspecto de su existencia. Por lo tanto, cabría sostener que el punto de partida para cualquier exploración sobre las vidas de las mujeres negras bajo la esclavitud sería una valoración de su papel como trabajadoras. (DAVIS, 2005, p. 13).

Por ende, la mujer que vivía en los periodos macabros, de esclavitud y tortura conoce bien la lucha del feminismo negro, así recuerda nuestra protagonista Zarité Sedella, que cuando miraban otras negras solamente tenían una mirada de ayudar a sobrevivir a toda aberración vivida en las casas de los señores que para ellas era el lugar más triste y tortuoso de toda humanidad que debían estar juntas para las situaciones que iban enfrentar a decir mejor la cita de la feminista Mercedes Jabardo:

Tiene el feminismo negro los rasgos de los movimientos que han de construir su programa de lucha y de emancipación desde diversas y superpuestas estructuras de dominación. A veces, incluso conflictivas. Hablar de género y de «raza» como elementos de desigualdad es en cierto sentido reduccionista si no se enmarca en las condiciones en las que ambos criterios emergieron como vehículos de la opresión.

---

<sup>9</sup> “O costume de manter prostitutas negro-africanas como meio de renda, comum entre os escravocratas, revela que além de licenciosos, alguns se tornavam também proxenetas.”

El movimiento feminista negro surgió en la confluencia (y tensión) entre dos movimientos, el abolicionismo y el sufragismo en una difícil intersección. Aun teniendo una presencia relevante en ambos, la combinación de racismo y sexismo terminó excluyendo a las mujeres negras de los dos. (JABARDO 2012, p.26).

Ahora bien, podremos percibir la importancia de la unión no solo de las mujeres, una vez que hicieran alianzas con hombres negros y esclavos en búsqueda de la libertad la personaje Zarithé expresa muy bien todo eso, evidente que la revolución Haitiana empezó con pequeñas actitudes de sabotajes, de lucha, azotes, mutilaciones, de la resistencia del cuerpo negro delante de la dominación, hasta la muerte fue un modo de resistir a la esclavitud. Zarithé y las otras enseñaran no es solo negrura, pero sus ideales de respecto o quizás de libertad, las leyes que influyen no deben ser acatadas con facilidad sin cuestionamientos o represión de injusticias.

Asimismo, la sumisión no era una situación de conformidad, hasta que el combate fue lleno de insistencia y hoy ellas tienen fuerza de continuidad en esa trayectoria de dolor y resistencia, de marcas de un pasado, de reflejos y búsqueda de días mejores, de igualdad, sea de los negros o indígenas, que se encuentran perdidos desde la “abolición” el habla de Tatiana Dias Silva e Fernanda Lira Góes (2013, p.127) “El racismo, en sus manifestaciones institucionales y estructurales, es la causa de la violencia contra la población negra y también de otras formas de injusticia.”<sup>10</sup> Ahora es mucho más dejar que la sumisión sea una verdad absoluta para las mujeres.

En palabras relevantes la cita de la investigadora llamada Mariana Marcondes:

Las discriminaciones de raza y género producen efectos imbricados, aún que diversos, promoviendo experiencias distintas en la condición de clase y, en el caso, en la vivencia de la pobreza, a influenciar sus predictores y, consecuentemente, sus estrategias de superación. En este sentido, son las mujeres negras que vivencian estas dos experiencias, aquellas siempre identificadas como ocupantes permanentes de la base de la jerarquía social. (MARCONDES, 2013, p. 109).<sup>11</sup>  
Traducción nuestra

Debemos decir, que no es más la minoría dominada, ahora las mujeres son la mayoría que sobreviven de las injusticias, los amos coloniales en la obra representan poder sobre los

<sup>10</sup> “O racismo, em suas manifestações institucionais e estruturais, é causa da violência contra a população negra e também de outras formas de injustiça.”

<sup>11</sup> As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, consecuentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social.

esclavos, en este caso Zarité Sedella es una propiedad, que tenía la finalidad de ser explorada, ahora es la vez de escuchar las voces oprimidas, que reivindican la soberanía del pueblo negro que se imponen en medio social para su debido local de voz, para llegar al fin la superioridad por consiguiente el racismo así el habla de la gran escritora y estudiosa Simone de Beauvoir :

Existen otros casos en que, durante un tiempo más o menos largo, una categoría consiguió dominar totalmente la otra. Es muchas veces la desigualdad numérica que confiere ese privilegio: la mayoría impone su ley a la minoría o a persigue. Mas las mujeres no son, como los negros de los Estados Unidos o los judíos, una minoría; hay tantos hombres cuantas mujeres en la tierra. (BEAVOUIR, 1960, p.13).<sup>12</sup>  
Traducción nuestra

En definitiva, la esperanza de las mujeres sin dudas es en búsqueda de la libertad, así como la protagonista Zarité Sedella, o que está lejos de la realidad, mismo con todo esfuerzo, pero todo puede cambiar con la unión de todas las clases y razas, sin desigualdades o discriminación, el foco es la uniformidad entre los géneros, para un nuevo modo de pensar civilizatorio y más humanitario, el movimiento Feminista Negro alastra en todos los ámbitos, en pro de más respeto y visibilidad para a presencia de las negras.

### **3. ZARITÉ SEDELLA LA PROTAGONISTA DE LA LIBERTAD HAITIANA**

#### **3.1 LAS MUJERES NO SON COBARDES: LIBERTAD E IGUALDAD PARA LAS ESCLAVAS**

En vista de todo, la mulata Zarité Sedella va trazar una larga pasaje en sueño de su libertad, en virtud de todo abuso y bestialidad de su dueño, la gana del negro de ser libre le parecía una historia para los blancos de un pueblo que para ellos no tenía intelecto ninguno, además no poseía autonomía y astucia para comandar la liberación del Haití de la colonia francesa de años de exploración y deshumanizad en vista de eso la cita de Buck:

La colonia de Santo Domingo fue el epicentro de esta lucha. En 1791, mientras los más ardientes opositores de la esclavitud dentro de Francia se desentendían de los hechos, medio millón de esclavos en Santo Domingo, la colonia más rica no sólo de

---

<sup>12</sup> Existem outros casos em que, durante um tempo mais ou menos longo, uma categoria conseguiu dominar totalmente a outra. É muitas vezes desigualdade numérica que confere esse privilégio: a maioria impõe sua lei à minoria ou a persegue. Mas as mulheres não são, como os negros dos Estados Unidos ou os judeus, uma minoria; há tantos homens quantas mulheres na terra.

Francia sino de todo el mundo colonial, tomó en sus propias manos la lucha por la libertad, no a través de reclamos, sino de una revuelta violenta y organizada. (BUCK, 2005, p. 34).

Verbigracia, las palabras de Buck hacen una mirada diferente de la organización de los esclavos en la soltura, además de desempeñar el verdadero papel del negro personaje principal de la historia, evidentemente que la gana del personaje Zarité en búsqueda de la libertad era un sueño, “—Así es con algunos bozales, que eran libres antes, pero Teté nació esclava.” (ALLENDE, 2009, p.32).

En realidad, el protagonismo de “Teté” como era llamada por todos, es dibujado desde pequeña, Zarité huya de sus amos, una vez que el deseo de libertad ya era una meta consagrada para la esclava y experimentó como era vivir en esclavitud mismo teniendo nueva años de edad en la obra es presente la iniciativa de la representación negra de imponer su modo de vivir de ese modo la célebre escritora Allende:

Me cogió de un brazo, me llevó en el aire hasta su pieza y de un empujón me sentó en su cama; era mucho más fuerte de lo que parecía. Se quedó de pie, con los brazos en jarras, mirándome sin decir nada, y después me pasó un pañuelo para que me limpiara la sangre del bofetón. «¿Por qué volviste?», me preguntó. Yo no tenía respuesta. Me pasó un vaso de agua y entonces me vinieron las lágrimas como lluvia caliente, mezclándose con la sangre de la nariz. «Agradece que no te azote como mereces, mocosa tonta. ¿Adónde pensabas ir? ¿A las montañas? Nunca llegarías. Sólo algunos hombres lo logran, los más desesperados y valientes. Si por un milagro pudieras escapar de la ciudad, cruzar los bosques y los pantanos sin pisar las plantaciones, donde te devorarían los perros, eludir a los milicianos, los demonios y las serpientes venenosas y llegaras a las montañas, los cimarrones te matarían. ¿Para qué quieren una chiquilla como tú? ¿Eres capaz de cazar, de pelear, de empuñar un machete? ¿Sabes siquiera darle contento a un hombre?» Debí admitir que no. (ALLENDE, 2009, p.37)

Por lo tanto el deseo de libertad estaba enraizado en los esclavos, las torturas era algo que todos recibían sin justificativas Mercedes Jarbado (2012, p. 106) “La vulnerabilidad de las mujeres negras a las agresiones en el lugar de trabajo, en la calle, en casa y en las representaciones de los medios de comunicación ha sido uno de los factores que han promovido este legado de lucha.”, el personaje escribe sus caminos e intenta entender la esclavitud a través de la experiencia de otras esclavas como cuando cuestiona su madrina porque no huya de la represión del sistema esclavista:

«Nadie te vigila. ¿Por qué note escapabas, madrina?», le preguntó una vez Teté. «¿Cómo correría con mi pierna mala? ¿Y qué sería de la gente que necesita mis cuidados? Además, no sirve de nada que yo sea libre y los demás sean esclavos», le contestó la curandera. Eso no se le había pasado por la mente a Teté y le quedó rondando como un moscardón. (ALLENDE, 2009, p. 61)

De hecho, Zarité camina para la homogeneidad entre las razas, mismo siendo una esclava, desafía el sujeto patriarcal y tirano cuando retoma su cuerpo, sus voluntades para decir que *las mujeres no son cobardes*, retoma el habla en la obra, ya que el personaje es omnisciente y omnipresente, “*Maurice durmiera solo. Me acusó de criarlo cobarde como una mujer y le contesté en un arrebato que las mujeres no somos cobardes. Levantó la mano, pero no me pegó. Algo había cambiado. Creo que me tomó respeto.*”(ALLENDE, 2009, p. 162).

De cualquier manera, el propósito de soltura en la vida de Teté no iba cambiar de forma tan energéticamente, la situación de esclavitud iba transitar por una estrada de ardua tiranía, al principio en San Domingos, después en Cuba en seguida en Nueva Orleans la negritud trajo también los perjuicios, Eric Williams (1928, p.34) “La esclavitud no nació del racismo; más bien podemos decir que el racismo fue la consecuencia de la esclavitud.”, de ese modo se queda un hecho que la meta de libertad sería más difícil para Zarité, además de llevar su negrura consigo como una marca de la esclavización, su maternidad y sumisión al su señor.

Además de su postura de esclava empoderada la protagonista siempre dejaba muy claro su posición femenina y todo que estaba relacionado con su color o quizás su modo de ver un mundo sin castigos, a través de su feminidad postula Joel Birman (1999, p. 10) “La femineidad es el correlato una postura heterogénea que marca la *diferencia* de un sujeto en relación a cualquier otro.”<sup>13</sup>, esa postura es la real diferencial de las mujeres, que además de ser del sexo femenino es una inconformidad aceptar las atrocidades, y sin duda la resistencia es una de sus mayores características.

Mientras, hablar de resistencia femenina es primeramente conocer la realidad de las mujeres y el sentido real de la palabra, es comprender que está lejos de sencillamente una actitud estética, y sin de cuño ético, que es resistir a un modo de pensar, de vivir, de voluntades u opresiones, en esto caso debo enaltecer el habla de Alfredo Bosi:

Resistencia es un concepto originariamente ético, y no estético. El su sentido más profundo apela para la fuerza de la voluntad que resiste a la otra fuerza, exterior al sujeto. Resistir es oponerse a la fuerza propia en fuerza alheña. El afín próximo es

---

<sup>13</sup> “A femineidade é o correlato de uma postura heterogênea que marca a *diferença* de um sujeito em relação a qualquer outro.”

in/sistir el antónimo familiar es de de/sistir. (BOSI 2002, p.118).<sup>14</sup>Traducción nuestra

Debo decir, que las mujeres negras fueran las primeras que debían comprender en contexto y sentido de la palabra resistencia, su cuerpo fue un símbolo de resistencia, ya que el cuerpo fue comercializado, ellas son empoderadas en frente al sistema patriarcal y de coacción, el personaje tiene inteligencia y mucha sabiduría en percibir que la cobardía no es atributo del pueblo negro, y sí resistir Federico Lorenz (2012, p.15) “Resistir”, desde la etimología, remite a las virtudes militares. Una de sus acepciones es la de “mantenerse firme”.

En definitiva, es evidente que las mujeres salieran de la posición de sumisión a los hombres, ahora van enfrentar una de sus disputas más difíciles tener su identidad, su cuerpo, su pueblo y principalmente libertad, por verbigracia Zarité tenía el espíritu de líder, Allende (2009, p.81) “Teté dirigía a los esclavos domésticos con amabilidad y firmeza, minimizando los problemas para evitar la intervención del amo.”

Mejor dicho las condiciones de esclavización hacen que los esclavos trabajen en equipo, que deben se mantener siempre unidos, las estrategias de lograr la libertad, la presencia del señor en las penalidades era algo común Allende (2009, p.82) “Valmorain no levantaba la mano contra los esclavos, lo consideraba degradante, pero asistía a los castigos para establecer su autoridad y asegurarse de que el jefe de capataces no se excediera.” En virtud de eso el sentimiento de venganza e libertad aumentaba y la lucha sería de vida o muerte, con el único objetivo de liberta-se de las cadenas de los blancos, de la supremacía del pueblo europeo cobarde y sin dudas los que conocerían la fuerza de los hijos de África.

### 3.2 MATERNIDAD Y NEGRITUD REPRESENTADA POR ZARITÉ

Ahora bien, Zarité Sedella va transcurrir el momento de ser madre de la forma más difícil que una mujer esclava podría pasar, con la idea de ser madre joven su primero hijo fue vendido como esclavo, en ese sentido fortalece la idea de las esclavas no poseen autonomía de sus cuerpos, y mucho menos de sus propios hijos, en que ellas debían ser “fábrica de hijos esclavos” era la más aceptada entre ellas Perrot (2009, p.58) “La maternidad es un momento y

---

<sup>14</sup> Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antónimo familiar é de/sistir. (BOSI 2002, p.118).

un estado. Más allá del nacimiento, la maternidad dura toda la vida.” Así para la esclava no era solamente un hijo, era robar toda su vida en un acto de perversión.

Por consiguiente los apuntes de Isabel Allende:

La interrogó cuando estaban en la cama, después de uno de esos coitos que ella soportaba resignada y que para él eran sólo un desahogo nostálgico, y Teté se echó a llorar. Eso lo sorprendió, porque no la había visto verter lágrimas desde que le arrebató a su primer hijo. Había oído que los negros tienen menos capacidad de sufrir, la prueba era que ningún blanco aguantaría lo que ellos soportaban, y así como se les quitan los cachorros a las perras o los terneros a las vacas, se podía separar a las esclavas de sus hijos; al poco tiempo se reponían de la pérdida y después ni se acordaban. (ALLENDE, 2009, p.93)

Es perceptible en la narrativa, que la mujer para sus amos no pasaba de un objeto, que debía perpetuar en sistema esclavista contra los negros Allende (2009, p. 77) “Valmorain le dijo que compró a Teté para doncella de su mujer y salió premiado, porque la muchacha terminó siendo enfermera y ama de llaves. Por lo visto ahora sería además la niñera de Maurice.” Eso sentimiento de ser madre mismo que no sea su hijo era la condición de Zarité, por lo tanto Dolores Tudela (1997, p.360) “La maternidad física no es más que una dimensión de nuestro ser.” El hecho que iba escribir su destino al lado de sus hijos en busca de la libertad.

De todas as formas, cualquier resquicio de una evolución del pensamiento de los blancos era invalidado a partir de las actitudes contra sus esclavos, sea de la manera deshumana de tratamiento o del uso de personas como animales Bel Hooks (2018, p.23) “La relación entre hombres era un aspecto acepto y afirmado en la cultura patriarcal”<sup>15</sup> una idea ya concretizada sin previsión de cambios en relación a las mujeres.

Por si fuera poco, la maternidad y su ascensión para Teté era el estado de seguridad y fuerza para luchar contra la bestialidad, y más una vez demostrar su representatividad Allende (2009, p. 79) “— ¡No me importa lo que hagas! Maurice es mi único hijo y no dejaré que esa imbécil le haga daño.” La idea de esclava hacia que la visión de los blancos sea de objetos y no de personas.

El sistema esclavista definía a las personas negras como bienes muebles. En tanto que las mujeres, no menos que los hombres, eran consideradas unidades de fuerza de trabajo económicamente rentables, para los propietarios de esclavos ellas. También podrían haber estado desprovistas de género. (DAVIS, 2005, p.13)

---

<sup>15</sup> “A ligação entre homens era um aspecto aceito e afirmado na cultura patriarcal.”

Después de decir la condición femenina como un objeto y una fuente de renda es evidente la lucha y representatividad de la mujer contra el sistema esclavista que fue impuesto para ellas, que la maternidad era solo un de los símbolos de representación negra que iba se quedar marcada en las obras literarias, la asunción del cuerpo y las divergentes transformaciones en su cuerpo, hasta la maternidad o que era una tarea muy difícil a saber mejor Angela Davis:

En otras plantaciones, las mujeres dejaban a sus bebés al cuidado de los niños pequeños o de los esclavos más viejos que no eran capaces de realizar las duras faenas de los campos. Como no podían amamantar a sus hijos con regularidad, tenían que soportar el dolor que les causaban sus pechos hinchados. (DAVIS, 2005, p.17)

Delante de lo expuesto, vemos que las mujeres fueron bravas guerreas en los quesitos de maternidad, ser madre en condiciones precarias, sin tener derechos y muchos menos poder amamantar sus propios hijos, por el contrario, tener que ser destinados a una vida de esclavos, aún soportar el dolor, las marcas, para las negras llorar ya no era más una solución o quizás un alivio, porque nadie podría escucharlas a no ser Dios.

En síntesis, otra marca muy relevante es la negritud de Zarité era su marca más perceptible, sus voluptuosas curvas, su belleza, su negrura, era vista como una mujer idealizada, y esas evidencias hacia que los hombres mirase la esclava con deseo, evidente que todo eso son características de la mulata, que más una vez revelaba su negritud.

Teté era muy atrayente, tenía algo enigmático y sensual. Mujeres como ésas son gemas que sólo un ojo entrenado sabe distinguir entre pedruscos, pensó, son cajas cerradas que el amante debe abrir poco a poco para revelar sus misterios. (ALLENDE, 2009, p.77)

La palabra de origen francesa "*négritude*" hace una referencia al pueblo de Haití y la condición íntima vivenciada a ser negro en el sistema esclavista, por eso Zarité Sedella era deseada por los hombres e incluso por su señor que hizo que su negrura fuese deseada. Ya que la exploración de la esclava era vista como algo común y su cuerpo erotizado.

De hecho, la definición de negritud por Zilá Bernd:

En Francés tiene una fuerza de expresividad y mismo de agresividad que se pierde en portugués, por derivar de *nègre* termo peyorativo, usado para ofender el negro, una vez que existe la palabra *noir*. La idea fue justamente asumir la expresión

negativamente connotada para reverter-le el sentido y pasaren los negros a ostenta-lo con orgullo y no más vergüenza. (BERND, 1988, p. 17).<sup>16</sup>Traducción nuestra

Debido a que el personaje define su negritud a través de sus actos, de rebeldía, de indagaciones, de aspiración por la libertad, además de trasparecer libremente su color como su representatividad y también de mujer, sea por medio del dolor, sufrimiento o cicatrices, la definición es descrita por su feminidad y fuerza delante de los hombres, una visión más revolucionaria que la personaje vas criar para suplir el par binario blanco de los amos coloniales y superior.

Por mejor decir, para ellas era mucho importante no olvidar de su raza, su cuerpo tenía una significación, no solamente como un utensilio, más sí un indicio de resistencia, que su lengua decía mucho de donde venía y no podría dejar en el pasado Judith Butler (1997, p. 22) “Si el lenguaje puede preservar el cuerpo, puede también amenazar su existencia.” su negritud, su herencia, coraje, debía reconocer su utilidad y también ocurría riesgo de muerte a siempre resistir a toda forma de dominación.

De ese modo, la negritud es representada de diferentes modos, más sin nunca dejar de ser mujer, “Eses abordajes ver las mujeres afro- americanas, típicamente, como siendo más oprimidas que todos/as porque la mayoría de las mujeres negras experimenta los efectos negativos de las opresiones de raza, clase y género simultáneamente.” (MORENO, 2015, p.18).<sup>17</sup> Así, la cuestión de ser negra y marginalizadas es algo sencillo, pero la negritud viene definir como fuertes en la sociedad y como marca de lucha.

Algunos ejes indispensables en la vida de Zarité Sedella como la negrura y cultura que es la herencia mayor de un pueblo, la maternidad que lleva la aceptación de valentía y asunción habla de Ana Costa e Cecília Sardenberg (2008, p.23) “La subordinación de la mujer, además de ser un fenómeno milenario y universal, constituí-se, también, en la primera forma de opresión en la historia de la humanidad.”<sup>18</sup> viene para romper los estereotipos, a través de la negrura, del modo de vivir negro, sin vergüenza, y no olvidar de quien es, sus

---

<sup>16</sup> Em Francês tem uma força de expressividade e mesmo de agressividade que se perde em português, por derivar de *nègre*, termo pejorativo, usado para ofender o negro, uma vez que existe a palavra *noir*. A ideia foi justamente assumir a expressão negativamente conotada para reverter-lhe o sentido e passarem os negros a ostentá-lo com orgulho e não mais vergonha.

<sup>17</sup> “Essas abordagens veem as mulheres afro-americanas, tipicamente, como sendo mais oprimidas que todos/as porque a maioria das mulheres negras experimenta os efeitos negativos das opressões de raça, classe e gênero simultaneamente.”

<sup>18</sup> “A subordinação da mulher, além de ser um fenômeno milenar e universal, constitui-se, também, na primeira forma de opressão na história da humanidade.”

raíces que contribuyeran para un combate entre armas y honra, una batalla desigual, pero los negros salieran victoriosos con la abolición.

### 3.3 TIEMPOS REVUELTOS: LA REVOLUCIÓN HAITIANA ZARITÉ PROTAGONISTA EN LA LUCHA DE LA CREACIÓN DE LA REPÚBLICA NEGRA DE LAS AMÉRICAS

En virtud de lo expuesto, cuando hablamos de lucha y libertad de un pueblo es más do que solamente una historieta, en esto momento es importante conocer una de las historia más sorprendente de todo el pueblo negro y principalmente de las mujeres esclavas que hicieran que sus personalidades se mantuviesen vivas hasta los días de hoy para una nueva civilización de verdaderas revolucionarias.

Por mucho tiempo el Haití fue una de las mayores colonias de esclavos de todo el mundo, al principio fue colonizada por los franceses, que la región más productiva era conocida como San Domingos Susan Buck (2005, p.23) “La producción azucarera condujo a una demanda aparentemente infinita de esclavos, cuyo número en Santo Domingo se incrementó en el siglo XVIII diez veces, por encima de quinientos mil seres humanos.”, en un acuerdo que repasó estas tierras para los franceses a través de un tratado conocido como Tratado de Ryswick en el siglo XVII, que iba tener autonomía y poder sobre aquella área que antes era de los Españoles, al principio conocida como “Hispaniola”.

A continuación, la táctica de esclavización tornó San Domingos una de las colonias de extorsión del pueblo negro la más abundante y próspera de todo el mundo y por su valía se quedó conocida como “Perola de las Antillas” con la cifra de 450 mil esclavos que vivían en condiciones inhumanas, de extrema violencia y represión, liciones y azotes era algo común de ver Allende (2009, p.96) “En Saint-Lazare había esclavos sin nariz ni orejas o con grillos soldados en los tobillos; no se podían quitar y era imposible correr con ellos.”, los visitantes de San Domingos podrían jugar naranjas en las cabezas de los esclavos de un modo de diversión.

Esas cuestiones, retrata toda la deshumanización contra los negros era de un modo indescriptible, además de las torturas, mutilaciones, persecuciones, azotes, abusos sexuales y perjuicio contra los negros, de las voces silenciadas que solo la literatura para describir esos hechos históricos de tiempos revueltos como tema de título de un capítulo de la obra “*La isla bajo el mar*”, por eso para puntuar mejor Lilian Silva:

La visión de aquellos que tienen el poder de contar la historia de la manera que más le conviene, y que es creída por aquellos que la oye, es la que se propaga por los tiempos. Si, luego de la llegada de los europeos se pensó en una América inventada por aquellos que tenían el poder y, en las independencias se mantuvo el pensamiento dominante, la literatura termina por volverse un espacio importante para que las voces silenciadas puedan hablar, desde su punto de enunciación, de qué manera percibieron los acontecimientos históricos. (SILVA, 2014, p.01)

La revolución en Haití fue una de las mayores rebeliones de esclavos y negros que ocurrió en la región de San Domingos en el año de 1791, todo este movimiento se debe a la exploración y una violencia contra el pueblo negro, que eran esclavos y vivían en un sistema patriarcal rígido Silvio Almeida (2018, p. 21) “En el siglo XVII, más precisamente a partir del año de 1791, que el proyecto de civilización iluminista basada en la libertad e igualdad universales encontraría suya grande encrucijada: la Revolución Haitiana.”<sup>19</sup>

A fin de cuentas, la sublevación de los esclavos fue el punto que no existían más ordenes o líderes, y si un pueblo inconformado con la esclavitud, surgió también algunas figuras importantes como *François Mackandal* que empezó pequeños ataques a los franceses, de modo a empezar una grande lucha hasta la liberación y creación de Haití que tuvo su independencia lograda a través de la lucha de los negros, pero también ese deseo de revolución venia de las mujeres que ya empezaban pequeños ataques para la decaída de los negocios de la caña de azúcar, la cita Isabel Allende:

Ella se cuidaba de no mencionar la palabra rebelión delante de él. Tante Rose le había asegurado que una revuelta general de los esclavos era sólo cuestión de tiempo y Saint-Lazare, como todas las demás plantaciones de la isla, iba a desaparecer entre llamas. (ALLENDE, 2009, p. 91)

Con respecto a pequeñas actitudes de rebelión fue insiriendo los negros como protagonistas de la historia y en eso caso la grande importancia de la mujer negra, en especial Zarité Sedella personaje de la obra “*La isla bajo el mar*” de Isabel Allende que revela como un ícono y protagonista en la creación de la republica negra de las Américas, la interprete Zarité que es considerada el orgullo por atribuir sus características, está estampada la valentía negra, la voz, el combate, la robustez, su sangre y de todos que fueran derramados en el suelo en busca de libertad.

---

<sup>19</sup> “No século XVII, mais precisamente a partir do ano de 1791, que o projeto de civilização iluminista baseada na liberdade e igualdade universais encontraria a sua grande encruzilhada: a Revolução Haitiana.”

En virtud de lo expuesto, la relevancia de rebeliones viene hacer un rescate del derecho de libertad de los negros, así que Juan Martínez:

[...] aquellos esclavos negros que lo llevaban adelante eran vistos por la mayoría de los políticos e intelectuales noroccidentales como subhombres irracionales que podían rebelarse anárquicamente pero no como sujetos capaces de llevar adelante una genuina revolución. (MARTÍNEZ, 2012, p. 118)

A partir del ápice de la revolución Haitiana, solamente de ese modo que todos serían libres, al contrario recibirían acceso a una libertad ilusoria, una furia de los esclavos que llegó al punto de la eclosión de la mayor motín y lograr la Independencia de Haití comandaba por negros, y gran mujeres que estaban en frente de las luchas, mismo que ella estuviese en una posición de vulnerabilidad. El personaje Zarité recuerda el periodo de esclavitud, por todo conflicto y liberación, así como la flagelación, su hijo robado, sin condiciones de reivindicar sus derechos y un derecho bien sencillo, que es el derecho de la vida.

En definitiva la contribución de Allende:

*Así está escrito en la leyenda del lugar que ahora llaman Haití, la primera república independiente de los negros. No sé lo que eso significa, pero debe ser importante, porque los negros lo dicen aplaudiendo y los blancos lo dicen con rabia.* (ALLENDE, 2009, p.122)

A lo mejor, la representación negra es fuerte así como el apoyo incondicional a los hombres esclavos, que contaban con la ayuda de ellas para lograr el objetivo de libertad y creación del ideario de una república de negros, las esclavas como líderes, hicieran que el sueño se tornase realidad y esos es la verdadera historia de la raza negra que deben ser enseñadas y diseminadas para que todos conozcan el verdadero rostro de los negros, que no dejaran ser explorados y esclavizados, que no se trataba de una situación de conformidad y sumisión y sí de resistencia en ese contexto las aportaciones de Juan Martínez:

Así pues, los insurrectos y sus líderes, a partir de la experiencia sufrida de la esclavitud y del racismo, armados con sus tradiciones políticas y religiosas, tomaron los principios de la Revolución francesa resignificándolos, más allá de sus límites burgueses y raciales, dando por resultado un ideario político absolutamente radical, sincrético, antiesclavista y antirracista que proclamaba la Libertad y la Igualdad Universal. (MARTÍNEZ, 2012, p.129)

No obstante, la voz de la personaje en la obra, como casi un grito de prisioneros, e iban hacer todo que fuese necesario para la liberación de Haití, por los esclavos, sin dudas la

presencia de Zarité Sedella en el combate fue indescriptible y como la figura femenina esta inserida de una forma brutal, Allende (2009, p.171) “Por las ventanas lanzaron a una mujer degollada, muebles y enseres, hasta que las llamas los obligaron a salir.” Al fin, las mujeres no dejaron el campo de batalla, no son sin intelecto o quizás no valientes, por el contrario, escribirán sus caminos a través del dolor, de la cicatriz y por fin de su representatividad.

#### **4. REPRESENTATIVIDAD NEGRA: PIONERAS DEL COMBATE ESCLAVISTA**

Verbigracia, las mujeres negras a lo largo del periodo se tornaran una simbología de fuerza, esta representatividad de relatos de vida que se quedaron marcadas, es interesante vanagloriar el merecimiento de ellas, el personaje Zarité Sedella encoraja otras para ir para batalla, que nosotros conocemos como discriminación, esclavitud, exploración y racismo. Así tenemos en 25 de julio el Día Internacional de la Mujer Negra Latino- Americana e Caribeña, el reconocimiento que la Organización de las Nación Unidas oficializó en 1992 la fecha con el intuito de visibilidad y respeto.

Por añadidura, el acto de representar está en todos os lugares aún que sean apagadas de la historia, presentamos algunos grandes actos. Tereza de Benguela, en meados del siglo XVIII nació la conocida “Reina Tereza” una quilombola en Brasil que lideró cerca de cien prisioneros en las luchas contra el ostracismo del pueblo blanco, una líder de esclavos e indígenas en 1750 y 1770, Lilia Moritz Schwarcz (1993, p.54) “La teoría racial cumplía el papel, cuando utilizada, de dejar claro como para esos juristas hablar en democracia no significa discurrir sobre la noción de ciudadanía.”<sup>20</sup>

Benguela, era una persona de inteligencia siempre en frente a la administración política y económica de su pueblo, buscaba soluciones para la liberación, Sueli Carneiro (2011, p. 63) “la identidad étnica y racial es un fenómeno históricamente construido”<sup>21</sup>, la muerte de Tereza no tiene seguridad en las informaciones, se de hecho fue asesinada por soldados o se cometió suicidio, una vez que tenía menosprecio por el sistema de esclavitud.

Mismo con la muerte de la brava guerrera, reconocemos el valor de Tereza , fue instituido en la fecha de 2 de junio de 2014 a través de la ley nº 12.987 que el día 25 de julio debería ser concebido como el Día Nacional de Tereza de Benguela y de la Mujer Negra, en las historias no conocemos la narrativa de Tereza, así como refleja en nuestra personaje Zarité

<sup>20</sup> “A teoria racial cumpria o papel, quando utilizada, de deixar claro como para esses juristas falar em democracia não significava discorrer sobre a noção de cidadania.”

<sup>21</sup> “a identidade étnica e racial é um fenômeno historicamente construído”

Sedella en frente a la representación, la sociedad además de ocultar la representatividad aún intenta sumir de los registros, es indispensable la condecoración de una mujer que lideró hombres en uno único objetivo vivir en total libertad.

Mejor dicho, en la isla de Guadalupe tenemos la historia de una gran revolucionaria llamada Solitude, nascida en 1772 fue más una que estuve delante de la resistencia al régimen de esclavización, hasta llegada de 1794 cuando logró su libertad en la abolición de los esclavos promovida en las colonias francesas, evidentemente que ella iba participar de grupos que ayudarían otros esclavos, haciendo alianza, la lucha de ella fue una de la más difícil incluyendo la maternidad y la muerte, así como nuestra protagonista Zarité Sedella.

En vista de ello los estudios de Davis:

Mediante el sistema de contratación de presidiarios, las personas negras fueron obligadas a jugar el mismo papel que la esclavitud había reservado anteriormente para ellos. Tanto hombres como mujeres fueron arrestados y encarcelados bajo el más mínimo pretexto con el fin de ser cedidos por las autoridades a cambio de un precio como trabajadores presidiarios. Si bien los propietarios de esclavos habían reconocido ciertos límites a la crueldad con la que exploraban a su «valiosa» propiedad humana, los agricultores del periodo de posguerra no necesitaban tales precauciones, puesto que empleaban a los presidiarios negros por periodos de tiempo relativamente cortos. (DAVIS, 2005, p.94-95)

Aun si, en lo periodo de 1801, el líder Napoleón Bonaparte intenta que el sistema de esclavización debe ser restablecido, consecuentemente las tropas son enviadas hasta el Caribe con el apoyo total de las colonias francesas, hubo el combate de los esclavos y el resultado obviamente como era desigual, ya que los blancos siempre hicieron de la cobardía su principal característica, la esclava se encontraba embarazada, como una verdadera heroína y futuramente madre luchó incansablemente así como Zarité Sedella de ese modo la literatura y realidad es una relectura de realismo maravilloso en la obra *“La isla bajo el mar”*.

En realidad, Solitude tuvo su hijo y un día después fue enfocada como una especie de ejemplo para los demás esclavos que tenían la voluntad de rebelar contra los blancos, de libertad para todo su pueblo, que rechazaba la atrocidad deshumana Spivak (1942, p.45) “Al buscar aprender hablar al en vez de escuchar o hablar en nombre del sujeto históricamente enmudecido de la mujer subalterna, el intelectual pos colonial sistemáticamente “desprende el privilegio femenino”<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> “Ao buscar aprender a falar ao em vez de ouvir ou falar em nome do sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós- colonial sistematicamente “desprende o privilégio feminino.”

No obstante, la vida es una constante lucha y que en todas las veces el pueblo nunca perdió, porque hicieron que sus vidas y de todos sus ancestrales fuese dedicada a la libertad e igualdad para todos, mismo que la lucha sea desigual, en defensa de la cultura Stuart Hall (2006, p. 8) “aquellos aspectos de nuestras identidades que surgen de nuestro sentimiento de “perteneiente” a culturas étnicas raciales, lingüísticas, religiosas y arriba de todo nacionales”.<sup>23</sup>

No se puede dejar de hablar de María Remedio del Valle, que nació en 1776, fue uno de los mayores nombres enfrente al combate en la Guerra de Independencia de la Argentina, fue nombrada como “madre de la patria”, una capitán conocida del ejército del General Manuel Belgrano, sus partición en las batallas fueran inúmeras, como de Vilcapugio e Ayohuma, María fue atingida por tiros y para su sorpresa fue presa y torturada por nueve días de azotes en público, más una vez viene demostrar que el “sexo frágil” que suportó los diferentes tipos mutilaciones.

Pues bien la visión de Maja Zawierzeniec:

Es indudable que en el mundo occidental de las últimas décadas se ha venido rescatando la impronta de la mujer en todos los campos de la ciencia, de la historia y de la cultura y "el tema de la mujer conduce a un cúmulo de reflexiones y pasa por una amplia gama de puntos de vista e interpretaciones. (ZAWIERZENIEC, 2015, p.23)

Como los conflictos nunca fueran fáciles y por ventura nunca desistirán del sueño de soberanía, obviamente que el negro iba escribir su biografía del modo correcto, la comandante María Remedio logró huir de la prisión y continuó ayudando otros esclavos, es motivo de orgullo para toda una patria, y más una vez reconocida le fue consagrado el título de Sargento Mayor de la Caballería en 1829, en su memoria y también de su muerte fue creado el Día de los Afros Argentinos en 8 de noviembre de 2013, en agradecimiento de todo su esfuerzo del libramiento para su comunidad.

Más claramente el concepto de cultura de Homi Bhabha:

El concepto de diferencia cultural se concentra en el problema de la ambivalencia de la autoridad cultural: el intento de *dominaren nombre* de una supremacía cultural que es producida en sí misma sólo en el momento de la diferenciación. Y la misma autoridad de la cultura como conocimiento de la verdad referencial está en juego en el concepto y en el momento de *enunciación*. (BHABHA, 2002, p.55)

---

<sup>23</sup> “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso sentimento de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e acima de tudo nacionais”.

Al cabo, la resistencia de Martina Carrillo jefe en las rebeliones en Ecuador, se contrapuso a la tortura y comandó una fuga en 1778 para reivindicar derechos, como en comida, horas de descansos, y fin de los castigos, Leandro Narloch (2017, p. 19) “En 1789, esclavos tanto de San Domingos (actual Haití) cuanto de la Bahía pasaran exigir tres días libres por semana (de viernes a domingo) para sus asuntos personales.”<sup>24</sup> Por eso, en la audiencia con los agentes administrativos del imperio Español, ella fue castigada con 300 azotes por su desobediencia y rebeldía.

En el fondo, una representatividad negra de relevancia para este trabajo es la heroína Haitiana Suzanne Beláir, fue una sargenta y después teniente de la tropa de Toussaint L'Ouverture. El realce de Suzanne fue de gran orgullo, hace una referencia muy grande a Zarité Sedella nuestro objetivo de esa investigación que habla del personaje de su representatividad en los combates.

De todas as formas, el ideario de revolución de Jean- Bertrand Aristide:

La visión de los esclavos rebeldes, por supuesto, era radicalmente diferente: para erradicar el problema colonial los esclavos comenzaron por reducir a cenizas las plantaciones el instrumento del sistema esclavista y luchar valerosamente contra los amos coloniales. (ARISTIDE, 2013, p.10)

De ese modo, Suzanne debería ser decapitada, la bravura de ella no iba morir de acuerdo con las leyes, la emperatriz de los haitianos fue fusilada en la fecha de 5 de octubre del año de 1802. Vemos que la relación de esas mujeres fue de duelo con el tema de “LIBERTAD O MUERTE”, es perceptible que no iba aceptar la condición inferior, y que su representatividad estaba mucho más lejos de solamente su color.

Así pues, una de las pioneras del Feminismo Negro fue la célebre esclava Isabella Baumfree, que tuvo su nombre consagrado por el Espíritu Santo y que es llamada Sojourner Truth, el significado de “peregrina de la verdad”, nacida en 1797 en Nueva Iorque, esclavizada por uno coronel holandés que correspondía por el nombre Hardenberg, la esclava iba desempeñar la función de reflejar sobre el Evangelio y de eso ser una salvación.

Aparte, la misión de Truth sería de diseminar la verdad, través de la palabra de Dios, personas abrigaban y alimentaban Truth, siempre siguiendo con sus oraciones, cantaba y con el intuio de paz, libertad así como igualdad, no era una fanática religiosa, no creía que todos estaban con una maldición e irían recibir la furia de Dios, a través de las palabras y

---

<sup>24</sup> “No século XVII, mais precisamente a partir do ano de 1791, que o projeto de civilização iluminista baseada na liberdade e igualdade universais encontraria a sua grande encruzilhada: a Revolução Haitiana.”

ensañamientos para los negros que sueñan con la carta de manumisión, no aceptaba el machismo y la discriminación, hacia todo por derechos iguales.

Con su discurso Truth “¿no soy mujer? en la Convención de derecho de las Mujeres en Oshio en 1851:

Aquel hombre allí dice que es preciso ayudar las mujeres a subir en un carruaje, que es preciso llevarlas cuándo atraviesan unas zanjas y que ellas deben ocupar siempre los mejores lugares.

¡Nunca nadie me ayuda a subir en un carruaje, a pasar por cima de la zanjas o me cede lo mejor lugar! ¿Y no soy una mujer? ¡Miren para mí! ¡Miren mi brazo! ¡Yo escardé, yo planté, junté paja en los graneros y hombre ninguno consiguió me superar! ¿Y no soy una mujer? ¡Yo logré trabajar y comer tanto cuanto un hombre— cuando tenía alguna cosa para comer— y también soporté las chicoteadas! ¿Y no soy una mujer? Tuve cinco hijos y la mayoría de ellos fueran vendidos como esclavos. ¡Cuando manifesté mi dolor de madre, nadie, a no ser Jesús, me escuchó! ¿Y no soy una mujer?<sup>25</sup> Traducción nuestra

Así, Sojourner Truth rompió toda la idea de fragilidad, no iba ser considerada sin intelecto, las reformulaciones contestó los comentarios agresivos con muchas ironías. Más bien, iba desconstruir la heresia y machismo, con un rescate de las personajes bíblicas Maria madre de Jesús y Eva que fue la culpable del pecado, invita las mujeres a consertarem el mundo con justicias, Allende (2009, p.6) “*En mis cuarenta años, yo, Zarité Sedella, he tenido mejor suerte que otras esclavas. Voy a vivir largamente y mi vejez será contenta porque mi estrella —mi z’etoile— brilla también cuando la noche está nublada.*”

En suma, las pioneras del combate esclavista, el combate es lleno de dolor y la muerte, pero que hay un gusto en morir cuando se lucha por derechos y principalmente por la tan deseada libertad, que no hay ningún error en ser mujer, por el contrario, es ser valiente, es enfrentar el miedo y oscuridad del sistema opresor, teniendo en cuenta una previa de la atrocidad que vas tener que soportar, mismo sin ninguna chance de vencer, no desistirán, iban ser la última barrera de resistencia a cualquier costo y así tendrían libertad.

---

<sup>25</sup> Aquela homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?”

## 6. LA CONSTRUCCIÓN DE LA REPRESENTATIVIDAD NEGRA ANALISIS DE “LA ISLA BAJO EL MAR” DE ISABEL ALLENDE

Acerca de la representatividad negra de la personaje Zarité Sedella hija de una negra de Guiné, vamos construir los pasos de la esclava, y percibir en los detalles de la visión crítica de la mulata en frente la esclavización y cómo vas trazar su camino en la condición femenina y como fue creada la figura de la esclava una vez que el habla de Beauvoir (1980, p. 9) “NADIE nasce mujer: torna-se mulher”<sup>26</sup> de ese modo, en una análisis crítica y literaria de “*La isla bajo el mar*” al respeto de la personaje como símbolo principal de la obra.

Para empezar, la escritora Isabel Allende propone en esta obra la visión crítica femenina en frente la esclavización Haitiana, la mujer sale de sujeto cualquier para una protagonista, no más subalterno y sí de voz, el personaje con la experiencia vivida narrando en primera persona así Milena Eich (2016, p. 20) “por la narrativa en primera persona, tenemos acceso al modo como, por tentativa y error, Zarité vas al pocos entendiendo las condiciones sociales, culturales y de poder en las cuales está inserida”<sup>27</sup>

A proposito, la obra como casi un diario de una esclava, explicita como los días son revelados en la condición de esclavitud, ese proceso describe como la ilustre escritora Allende prioriza el habla de las mujeres como una voz de resistencia y principalmente de aprendizaje, postula Eugenia Marra:

Uno de los intereses centrales que surgieron con el auge de los estudios poscoloniales a partir de la década del setenta fue la recuperación de los pasados silenciados, concebidos como fuente insoslayable para constitución de la compleja identidad del sujeto colonizado. Recuperar la historia desde la diferencia, desde sus márgenes, supone no sólo un trabajo “arqueológico” en la búsqueda de las huellas de un pasado borrado: implica también cuestionar y repensar lo que entendemos como historia (MARRA, 2016, p. 85).

Por mejor decir, ese proceso marca un modo peculiar y diferenciado, en que la mulata Zarité revela los secretos oscuros en cautiverio, la mujer crea su propio sujeto, a partir de sus actitudes y la pretensión de cambios en la sociedad de modo igualitario y sin resquicios de intolerancia, hechos como la violencia, abuso sexual, maltratos sirve para que ella resista a los obstáculos, Milena Campos Eich (2016, p. 19) “hechos y personajes que incidirán

<sup>26</sup> “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher.”

<sup>27</sup> pela narrativa em primeira pessoa, temos acesso ao modo como, por tentativa e erro, Zarité vai aos poucos entendendo as condições sociais, culturais e de poder nas quais está inserida

directamente sobre la vida de Zarité, o para oprimir-la, para enseña-la a resistir en la opresión”<sup>28</sup>, aunque subalterna, va a crear una revolucionaria.

Sin embargo, la voz de Zarité Sedella es trazada en el romance para rescatar el valor femenino, se desprender de las ideologías racistas y crear su representatividad negra, inserida en todos los medios, rompe la idea de una sencilla esclava y sumisa para un ícono en frente de la revolución, mismo silenciada con la fuerza de los amos coloniales, no redime de forma pacífica, ya que el combate desigual reveló las mujeres como más fuertes e inteligentes delante de la sujeción, es indubitable que dejó la condición de sensibilidad, en consecuencia el estudio de Marcia Hope Navarro:

El despertar de la consciencia sirve para denunciar potencialidades reprimidas, a doble moral, a domesticidad y a pasividad del sexo femenino. Sin embargo, en un sentido más amplio, será romance feminista todo aquel que no apenas denuncie la opresión de la mujer, más que también exprese la condición y la sensibilidad femenina en cualquier de sus manifestaciones, y, fundamentalmente, que torne posible que la mujer sea escuchada por su propia voz. (NAVARRO, 1990, p. 174).<sup>29</sup>Traducción nuestra

En cambio, el cuerpo negro de Zarité Sedella es analizado en la obra como un deseo sexual de su amo, la suerte de tener una esclava muy hermosa y que tendría muchos hijos, la belleza de Teté es expresiva, pero que la feminidad y la sensualidad no son una de las principales características, Allende (2009, p.94) “ Le gustó lo que vio, ese cuerpo de líneas largas y firmes, la piel color bronce, las caderas generosas, los labios sensuales, y concluyó que era su más valiosa posesión.” Esa visión del color expresivo y erótico como punto fuerte, hace que muchos hombres también tengan el deseo de tener Zarité.

Mientras no molestara a Tété, podía fornicar a su antojo, pero la única que lo incendiaba de lujuria y despecho era ella, porque estaba fuera de su alcance. La observaba de lejos, la espiaba de cerca, la atrapaba al vuelo en cualquier descuido y ella siempre se le escabullía. « Tenga cuidado, señor Cambray. Si me toca, se lo diré al amo» , le advertía Tété, tratando de dominar el temblor de la voz. « Ten cuidado tú, puta, porque cuando te tenga en mis manos me las vas a pagar. ¿Quién crees que eres, desgraciada? Ya tienes veinte años, pronto tu amo te va a reemplazar por otra más joven y entonces será mi turno. Te voy a comprar. (ALLENDE 2009, p.91)

<sup>28</sup> “fatos e personagens que incidirão diretamente sobre a vida de Zarité, ou para oprimi-la, ou para ensiná-la a resistir à opressão”

<sup>29</sup> O despertar da consciência serve para denunciar potencialidades reprimidas, a dupla moral, a domesticidade e a passividade do sexo feminino. No entanto, num sentido mais amplo, será romance feminista todo aquele que não apenas denuncie a opressão da mulher, mas que também expresse a condição e a sensibilidade feminina em qualquer de suas manifestações, e, fundamentalmente, que torne possível que a mulher seja escutada por sua própria voz.

Mientras, que Teté ya desencadenaba la representatividad en un siglo que el patriarcado era fuerte, la voluntad de poseer las negras y esclavas como mercadería de satisfacciones sexuales, Abdias Nascimento (2016, p.61) “El crimen de violación y de subyugación sexual cometido contra la mujer negra por el hombre blanco continuó como práctica normal al largo de las generaciones.”<sup>30</sup> Así queda evidente la compra y venta de mujeres esclavas, la posición de Teté es sorprendente y de representación.

Así, la comercialidad de las mujeres eran desde muy jóvenes, iban ser preparadas para el trabajo difícil y posteriormente ser las amantes de los señores contra su voluntad, y luego empañaban y tenían muchos hijos que muchas de las veces eran comercializados como ocurrió con Zarithé cuando tuvo su primero hijo con el señor “Ella cerró la puerta y le contó con un mínimo de palabras y sin ninguna expresión en el rostro, que tenía un hijo de poco más de un año, a quien sólo había visto por un instante cuando nació.” (ALLENDE, 2009, p.77)

Esa experiencia vivida va ser revelada por el personaje como uno de sus mayores dolores y como una esclava debía superar las marcas del pasado con una voluntad indescriptible el dolor de una madre. “—Por favor, doctor ¿puede preguntarle a monsieur Valmorain? Tengo que saber si mi hijo está vivo, si lo vendió y a quién...” (ALLENDE, 2009, p.78)

De hecho, la rebeldía de la esclava y la forma de conducir en el momento cierto las preguntas y de menospreciar la esclava haciendo que los negros debían asumir que eran inferior a los amos, en verdad los blancos subestimaran mucho los esclavos al punto de no tener controle de todo un pueblo lleno de odio contra los señores, la esclava hacia su representatividad presente en el capítulo “*Un ser que no es humano*”, con tono de ironía y rabia contra los blancos, Allende:

—Espera, Teté. A ver si nos ayudas a resolver una duda. El doctor Parmentier sostiene que los negros son tan humanos como los blancos y yo digo lo contrario. ¿Qué crees tú? —le preguntó Valmorain, en un tono que al doctor le pareció más paternal que sarcástico. Ella permaneció muda, con los ojos en el suelo y las manos juntas.  
 —Vamos, Teté, responde sin miedo. Estoy esperando...  
 —El amo siempre tiene razón —murmuró ella al fin.  
 —O sea, opinas que los negros no son completamente humanos...  
 —Un ser que no es humano no tiene opiniones, amo.

<sup>30</sup> “O crime de violação e de subjugação sexual cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal ao longo das gerações.”

El doctor Parmentier no pudo evitar una carcajada espontánea y Toulouse Valmorain, después de un momento de duda, se rió también. Con un gesto de la mano despidió a la esclava, que se esfumó en la sombra. (ALLENDE, 2009, p.71)

Además, la forma salvaje de Zarité Sedella es la característica más fuerte de la protagonista presente en la obra, rompe la idea de esclava sumisa y sin cuestionamientos, de modo silencioso hace que la revolución sea una causa de mujeres, de manera igualitaria, la construcción de la representatividad de Teté es a través de grandes actos inconsecuentes de la esclava, sin medir los riesgos la única importancia era su total libertad, imponer su negritud era la forma de representación más evidente, el personaje ser esclava no fue una opción o el destino, eso era un discurso mediocre de los colonizadores y que la esclava estaba dispuesta a cambiar.

El término sobre la degradación de los negros al largo del tiempo de Achille Mbembe:

Producto de una máquina social e técnica indisociable de capitalismo, de la suya emergencia y globalización, este nombre fue inventado para significar exclusión, embrutecimiento y degradación, o sea, un límite siempre conjurado y abominado. Humillado y profundamente deshonrado, el Negro es, en la orden de la modernidad, el o único de todos los humanos cuya carne fue transformada en cosa, y el espíritu, en mercadería - a cripta viva del capital. Mas - y esta es la suya manifiesta dualidades - , en una revira vuelta espectacular, torno-se el símbolo de un deseo consciente de vida, fuerza pujante, fluctuante y plástica, plenamente engajada en el acto de creación y hasta de vivir en varios tiempos y varias historias al mismo tiempo. (MBEMBE, 2014, p.19) <sup>31</sup>Traducción nuestra

De ese modo, el negro no acepta más ser rechazado de la sociedad, por los blancos, una vez que fue una larga lucha para lograr la libertad y aún mismo la creación de valentía y condecoración a los héroes negros viene solamente, de negros con armas artesanales y un deseo gigantesco de justicia, una vez que todo el sangre derramado iba ser recompensado, Zarité tenía un diferencial de las otras mujeres esclavas no aceptaba la esclavitud y tenía el conocimiento de no era una vida justa para todo su pueblo. “La revolución de Santo Domingo –la revuelta de esclavos más amplia y de mayor éxito del hemisferio occidental” (ARMITAGE, 2004, p.11)

---

<sup>31</sup> Produto de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização, este nome foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital. Mas - e esta é a sua manifesta dualidade -, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo.

Zacharie la recibió con frialdad, estableciendo desde el principio cierta distancia, y a que él tenía el cargo de mayor jerarquía entre los domésticos de Saint-Domingue y ella era una esclava sin rango, pero pronto lo traicionó su afán didáctico y acabó entregándole los secretos del oficio con una generosidad que sobrepasaba en mucho a la propina de Valmorain. Le sorprendió que esa joven no pareciera impresionada con él, estaba acostumbrado a la admiración femenina. Tenía que hacer gala de mucho tino para desviar piropos y rechazar avances de las mujeres, pero con Teté pudo relajarse en una relación sin segundas intenciones. Se trataban con formalidad, monsieur Zacharie y mademoiselle Zarité. (ALLENDE, 2009, p.154)

Antes bien, evidente que el personaje buscaba respeto, una posición y su principal identidad era tener su manumisión como libertad, ser negra ya dejaba un espacio para recordar la esclavitud, Teté bravamente se recusando a aceptación de esclava con conformidad, Eich (2016, p. 91) “Allende se vale de las caracterizaciones que se coadunan con perspectivas de análisis que se tiene debruzado sobre conceptos como “identidad de género”, identidad de resistencia”.<sup>32</sup> Además de eso la lucha ardua revela el gran fardo que las mujeres cargaban con mucho orgullo y fidelidad a sus orígenes y principalmente a la cultura su mayor herencia.

En cualquier caso, la escritora Allende revela una personaje que el sufrimiento de exploración sexual por su patrón Valmorain, la tortura, los traumas, todo eso haría que Teté se construirse de un modo memorable, la lucha es hecha por etapas, todo esfuerzo tendrían más allá su recompensa y nadie podría parar la mulata, evidentemente no sería tan fácil, además de todo ningún esclavo tendría su total libertad, pero la representatividad negra tiene el intuio de recuerdo a los blancos que no era una batalla sin victorias por eso, enalteciendo en la feminista negra Angela Davis:

Las personas negras descubrieron que la promesa de que la emancipación traería «cuatro acres y una mula» no era más que un rumor malintencionado, Tendrían que luchar por la tierra, tendrían que luchar por el poder político y, después de siglos de ser privados de educación, afirmarían enérgicamente su derecho a saciar su profundo anhelo de saber. (DAVIS, 2005, p.106)

Por consiguiente, la necesidad de romper el silencio era un riesgo muy grande, una vez que les costaba la vida, los blancos no tenían ninguna voluntad de entregar la libertad a los negros, sería un momento de flaqueza percibir que los negros habían ganado la batalla después de incendiar la producción de azúcar en un acto violento, pero que la colonia no iba

---

<sup>32</sup> Allende se vale de caracterizações que se coadunam com perspectivas de análise que se têm debruzado sobre conceitos como “identidade de gênero”, “identidade de resistência”.

aceptar de buen grado una revolución la idea era enflaquecer los negros hasta el fin de la revueltas, enseguida los inúmeros castigos para que no hubiese más ninguna revolución.

Pero también había algunas noticias optimistas para los emigrados, como que en Francia la influencia de los colonos monárquicos iba en aumento y el público no quería oír una palabra más de los derechos de los negros. Si los colonos obtenían los votos necesarios, la Asamblea estaría obligada a enviar suficientes tropas a Saint-Domingue y acabar con la revuelta. La isla era una mosca en el mapa, decían, jamás podría enfrentarse al poderío del ejército francés. Con la victoria, los emigrados podrían retornar y todo volvería a ser como antes. Entonces no habría misericordia para los negros, los matarían a todos y traerían carne fresca de África. (ALLENDE, 2009, p.200)

Delante de lo expuesto, la protagonista tuvo que llegar al ápice de mujer negra, sea delante de las amenazas, del atrevimiento de su patrón, de las penalidades y ser humillada no considerando los negros humanos, evidente que los blancos tendrían miedo de los negro, y todo eso solamente iba crecer con la creación de la primera república negra, Zarité rescata su memoria como una de sus principales forma de representar la raza negra, que no olvidaba sus principios desde que empezó el combate contra los blancos Allende (2009, p.2011) “*Fue un tiempo de incertidumbre, pero también de libertad, porque nadie me controlaba.*”

Para difundir mejor, la fuerza descomunal que tenía Zarité delante del sistema de esclavitud era su modo de representación negra, para ella la esclavitud iba ser apenas una pesadilla, además los blancos no soportarían todo que los negros pasaron, a través de las recordaciones, la esclava difundiría mejor el sueño de la realidad, así tenemos Paul Ricoeur (2007, p.107) “no se puede transferir las recordaciones de un para la memoria del otro. Sin embargo mía, es un modelo de miadad, de posesión privada, para todas las experiencias vivenciadas por el sujeto”<sup>33</sup>, así todo que vivenció Teté era una experiencia particular.

Se sabía de esclavos fugitivos amparados por tribus de indios americanos, pero otros sobrevivían en los pantanos transformados en seres de barro, agua y algas, inmunes a los mosquitos y el veneno de las serpientes, invisibles al ojo de sus perseguidores, armados de cuchillos y machetes oxidados, de piedras cortantes, locos de hambre y libertad. (ALLENDE, 2009, p.196)

A saber, las mujeres en frente al combate juntamente con los hombres fue uno de los aspectos que revelaba Zarité Sedella, esclava y madre huyendo de la atrocidad humana, con la cobija de lograr libertad de una vida azarosa, Teté hacía de sus memorias su punto de paz y

---

<sup>33</sup> “não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, é um modelo de minhacidade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito”

equilibrio, la esclava le gustaba su vudú y los sonares del tambores Jeane Marie Gagnebin (2012, p. 35) “el verdadero recordar, la rememoración, salva el pasado, porque no solo a suya conservación, más le asigna un lugar preciso de sepultura en suelo del presente, posibilitando el luto y la continuación de la vida”<sup>34</sup>, pero Teté vivía en una constante vida y muerte, prisionera y liberta de acuerdos con sus ideales de lucha, en realidad los conceptos de Irina Bajini:

En Cuba la repercusión de la Revolución haitiana fue inmediata y de doble filo. Por una parte, la ruina de la producción azucarera y cafetalera de Saint-Domingue, y la adquisición de la técnica allí desarrollada, gracias a la llegada principalmente a Santiago y a La Habana por lo menos de entre 15 y 30 mil franco-haitianos, dan inicio al impresionante desarrollo económico alcanzado por la isla en las primeras décadas del siglo XIX. (BAJINI, 2016, p.28)

Por lo tanto, la mujer marginalizada en la sociedad se perduró por años, entonces es común percibir que además de ser desvalorizadas por el sistema no tenían ninguna regalía, es notorio que la circunstancia iba ser un proceso dificultoso una posición en la sociedad que priorizase de modo igualitario, ellas fueron condecoradas como utensilios en las manos de sus amos “Las mujeres vivían más que los hombres, pero rendían menos en la labor agobiante de los cañaverales y tenían la mala costumbre de quedar preñadas.” (ALLENDE, 2009, p.11)

Por añadidura, los hombres tendrían el valor de trabajo manual, de horas sin descansos o alimentos, eso no elidía las mujeres de recibir la tortura y una vida deshumana de truculencia y traumas, la fuerza de la figura femenina negra es estímulo para las demás que luchaban contra las humillaciones, un reflejo de los pensamientos eurocéntricos “*Los blancos creen que los negros somos sordos y las mujeres tontas. Eso nos conviene mucho. Preste oreja y me cuenta, mademoiselle Zarité.*” (ALLENDE, 2009, p.163) en la posición de estrategias e inteligencia, el enfrentamiento no era más de fuerza y si de sabiduría.

Verbigracia, postulado de Lorena Ossa Álvarez:

En el caso de las mujeres, la modernidad les negó su construcción como sujetas políticas, manteniéndolas históricamente como marginales y consignándolas al espacio reproductivo; rechazando la esencia pública de lo privado y evadiendo reivindicaciones en términos de su participación en los lugares de la democracia, uno de los más reconocidos y ensalzados “valores” de la humanidad. (ÁLVAREZ, 2015, p.24)

---

<sup>34</sup> o verdadeiro lembrar, a rememoração, salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, posibilitando o luto e a continuação da vida.

No obstante, las mujeres de la condición inferior y menospreciada no solo por los hombres blancos, la belleza de las negras causaban celos, por las virtudes de ser bendecidas con negrura, por tener sensualidad, fuerza, empoderamiento y salvajería que provocaban furia sobre el pueblo blanco, las señoras blancas siempre en la posición de fragilidad y sumisas a sus maridos con el intuito de estudiar y tener hijos para ocupar el lugar de sus padres posteriormente, era común esas mujeres no conocer la desgracia que era vivir en el periodo de esclavitud y las negras ya conocían muy bien esa posición.

Uno de estos aspectos lo constituye que las feministas negras no reconocen el mito de la “fragilidad de las mujeres”, sobre el cual se sustenta la teoría feminista occidental; pues para ellas las mujeres negras nunca fueron tratadas como frágiles, hicieron y hacen parte de un contingente de mujeres que no vivieron la protección paternalista de los hombres, porque siempre han tenido una relación con el trabajo fuera del hogar, antes como esclavas y ahora, garantizando en muchas sociedades que las liberadas puedan desempeñarse profesionalmente, ocupándose como empleadas domésticas. (ÁLVAREZ, 2015, p. 32)

Consiguientemente el caso de nuestra protagonista Zarithé Sedella, conoció el dolor cuando tenía once años, desgraciada con la vida de esclava y sin vivir en libertad, mismo después de diversas fugas y castigos para que siempre recordase que no podría ser libre, era el destino de todos los esclavos, aún la sensualidad fuese un símbolo de su desgracia, el personaje iba pasar por momentos tortuosos que iban crear la personalidad expresiva de representatividad negra, así con el primero abuso sexual estaba ya descrito todo el odio que la personaje iba desencadenar por su amo.

*Su mirada me recorrió de arriba abajo. Se llevó una mano al miembro y lo sostuvo, como pesándolo. Retrocedí con la cara ardiendo. De la vela cayó una gota de cera sobre su mano y lanzó una maldición, enseguida me ordeno ir a dormir con un ojo abierto para velar por el ama. Se tendió en su hamaca, mientras yo me escurría como un lagarto a mi rincón. Esperé que el amo se durmiera y comí con cuidado, sin el menor ruido. Afuera empezó a llover. Así lo recuerdo. (ALLENDE, 2009, p. 50)*

Dicho en otros términos, la maldición que Teté describe es el modo que su vida va perjurando después del abuso, que ya no es más suya, e sí un modelo de representatividad para todas las otras, eso era solo más un sufrimiento que ellas pasaban, con un tiempo la célebre Zarithé buscaba formas y maneras para que su patrón Valmorain no llegase cercano de ella con el intuito de cometer los abusos que ya hacia parte de su cotidiano, así como la violencia física y psicológica, las esclavas de hecho no eran humanas, porque ningún humano iba

aguantar todo que esas bravas guerreras suportaran delante de un vida mediocre y desgraciada todo gracias la ambición y hostilidad de los amos.

Teté había aprendido a dejarse usar con pasividad de oveja, el cuerpo flojo, sin oponer resistencia, mientras su mente y su alma volaban a otra parte, así su amo terminaba pronto y después se desplomaba en un sueño de muerte. Sabía que el alcohol era su aliado si se lo administraba en la medida precisa. Con una o dos copas el amo se excitaba, con la tercera debía tener cuidado, porque se ponía violento, con la cuarta lo envolvía la neblina de la ebriedad y si ella lo eludía con delicadeza se dormía antes de tocarla. (ALLENDE, 2009, p.84)

A lo largo de los días debería encontrar métodos de aquel hombre que tanto le enojaba no violase como siempre, hice que Teté relacionase con otro esclavo llamado Gambo, que fue su verdadero amor, pero que la prohibición era común, así la cita del Consejo de la Magistratura de la ciudad de Buenos Aires “La razón de ello es que su esclavitud se basa en su género y su finalidad es la explotación sexual, para lo cual no se requiere de barrotos, violencia brutal, y castigos corporales y psicológicos constantes, aunque también ocurra en muchas ocasiones”. (2014, p.91) de cualquier manera la esclava estaba ligada a su patrón como una propiedad privada.

A saber, es notorio que las mujeres estaban intrínsecamente relacionadas a la violencia, que en recurrencia de los abusos el personaje se tornó madre, evidentemente que ninguna esclava podría ser madre, ya que el trabajo era más importante, una vez que la mano de obra era barata y se tratando de mujeres no valían tanto como los hombres.

El embarazo de Teté transcurrió sin cambios para ella; siguió trabajando de sol a sol como siempre y acudía al lecho de su amo cada vez que a él se le antojaba para hacer como los perros cuando la barriga se convirtió en un obstáculo. Teté lo maldecía para sus adentros, pero también temía que la reemplazara por otra esclava y la vendiera a Cambray, la peor suerte imaginable. (ALLENDE, 2009, p.102)

En consecuencia, el resultado del abusos era el embarazo, pero con la comercialidad de hijos no pasaban de fábricas y el contraste en la obra es que Zarité se consideraba madre y no iba abrir mano de ese derecho, “De hecho, a los ojos de sus propietarios, ellas no eran madres en absoluto, sino, simplemente, instrumentos para garantizar el crecimiento de la fuerza de trabajo esclava.” (DAVIS, 2005, p.15) dicho con otras palabras la visión era divergentes de esclavos y patrones, por un lado objetivos comerciales y del otro sentimientos nobles, pero en periodo de esclavitud el mercado era mas importante.

El Consejo de la Magistratura de la Ciudad de Buenos Aires:

Tanto varones como mujeres negras eran vendidos como esclavos. Pero el tipo de esclavitud a la que eran sometidos era diferente según el género. En el mercado, un esclavo varón negro valía el doble que una mujer esclava negra. La condición de las mujeres esclavas era determinada primero por su género y luego por su raza. (2014, p.88)

Más llanamente, la comercialidad fue más una batalla de la protagonista, todo eso crea una identidad negra, que son los aspectos culturales, ni siempre en las historias los protagonista son los que viven felices o tienen las mejores posiciones y la única dificultad es encontrar un buen marido, en este caso nuestro objeto de pesquisa Zarité es una heroína para toda su raza, de resistencia en torno de la esclavización “En la América la esclavización fue deliberadamente establecida y organizada como mercadería para producir mercaderías para el mercado mundial y, de ese modo, para servir al propósitos y necesidades del capitalismo. (QUIJANO, 2005, p.126)<sup>35</sup>

Por todos esos motivos, es notorio que el pueblo colonizador tenía intereses afines, en esos proyectos la humanización o respeto era una palabra extinta, en la obra “*La isla bajo el mar*” deja evidente la crueldad de los amos y la ganancia de la corona francesa, pero no imaginaban la eclosión de odio de los negros, habían empezado la batalla contra los héroes conocidos como negros de todo continente africano explorado y diseminado por todo el mundo “Una civilización que prefiere cerrar los ojos al sus problemas más crujáis, es una civilización enferma” (CÉSAIRE, 1978, p. 13)<sup>36</sup>, así la venganza surgió del pueblo que despertó de la pesadilla para buscar sus derechos.

Nadie estaba salvo. La isla entera trepidaba con el fragor de un odio antiguo que esperaba ese pretexto para estallar en llamas. En Le Cap la chusma blanca, enardecida por lo ocurrido en Port-au-Prince, atacó a la gente de color en las calles, entraron a rompe y raja en sus casas, ultrajaron a las mujeres, degollaron a los niños y ahorcaron a los hombres en sus propios balcones. La fetidez de los cadáveres podía olerse en los barcos anclados fuera del puerto. En una nota que le mandó Parmentier a Valmorain, le comentó las noticias de la ciudad: « No hay nada tan peligroso como la impunidad, amigo mío, es entonces cuando la gente enloquece y se cometen las peores bestialidades, no importa el color de la piel, todos son iguales. Si usted viera lo que yo he visto, tendría que cuestionar la superioridad de la raza blanca, que tantas veces hemos discutido». (ALLENDE, 2009, p.131)

Por un lado, la necesidad de respuesta a los negros era de extrema emergencia, la figura femenina con el papel de informar los negros, en la obra tuvo la presencia de muchas

<sup>35</sup> Na América a escravidão foi deliberadamente estabelecida e organizada como mercaderia para produzir mercadorias para o mercado mundial e, desse modo, para servir aos propósitos e necessidades do capitalismo.

<sup>36</sup> “Uma civilização que prefiere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização enferma”

mujeres como Tante Rose curandera y madrina de Zarité Sedella, Violette una prostituta, Célestine o Tante Matilde la cocinera de la plantación y Rosette hija de Zarité, esas personajes con diferentes funciones representan la negritud de mujeres que experimentarían el padecimiento de la serventía a los blancos, evidente que la percepción femenina es casi de una intuición, una mirada más sensible y de astucia para librar-se de la tiranía y persecución.

Forma peculiar de la lucidez especial de los dominados, el que llamamos de “intuición femenina” es, en nuestro universo mismo, inseparable de la sumisión objetiva y subjetiva que estimula, u obliga, a atención, y las atenciones a observación y la vigilancia necesarias para prever los deseos o presentir desacuerdos. (BORDIEU, 2002, p.21).<sup>37</sup> Traducción nuestra

Concretamente, entre los negros y los blancos no habían acuerdos, en el análisis de la obra se queda explícito la necesidad y amor que Zarité sentía por su pueblo, ella conoció la dimensión de esclavismo y su eclosión, nos presenta una mujer fuerte, que quería que los negros fuesen libertos de la crueldad de los amos “*Ése fue el comienzo de la revolución. Han pasado muchos años y sigue corriendo sangre que empapa la tierra de Haití, pero ya no estoy allí para llorar.*” (ALLENDE, 2009, p.126), Zarité busca incansablemente que la causa de los esclavos no sea en vano, pues es la lucha de toda una nación de revoltosos dispuesto a justicia e igualdad.

No sabía si los blancos lograrían aplastar la rebelión, pero tendrían que matar hasta el último negro antes de proclamar victoria. Ninguno de los rebeldes estaba dispuesto a volver a la esclavitud. La muerte andaba suelta y al acecho en la isla. No existía ni un solo rincón seguro, pero peor que el miedo y la guerra era seguir separados. (ALLENDE, 2009, p.139)

En consecuencia de la revuelta, para Teté decir que la guerra habría terminado era todos los esclavos muertos, por el contrario, todos estaban extremadamente más fuertes, y por consiguiente iban nombrar Haití, “La alianza racial entre hombres y mujeres negras crecía en paralelo a la gran brecha que se abrió en el movimiento sufragista.” (JABARDO, 2012, p. 32). Esas alianzas fueron la seguridad que el pueblo negro podría poseer como una ayuda fundamental para la desconstrucción de la superioridad de la raza blanca.

---

<sup>37</sup> Forma peculiar da lucidez especial dos dominados, o que chamamos de “intuição feminina” é, em nosso universo mesmo, inseparável da submissão objetiva e subjetiva que estimula, ou obriga, à atenção, e as atenções à observação e a vigilância necessárias para prever os desejos ou presentir desacordos.

Al mismo tiempo, las mujeres negras son encorajadas por otras a ser reconocidas, buscar sus derechos, tener orgullo de su raza, ideologías, que no se esconden, están engajadas en las luchas sociales, por la construcción de la representatividad negra, de un pueblo igual en sus derechos y reconocidos por su valentía delante de una sociedad segregacionista y llena de prejuicios, en la literatura y declamada por escritores. Mismo con las agresiones Zarité Sedella, en una análisis crítica, que por arrogancia recibía de su patrona.

Teté cayó de rodillas, encogida, cubriéndose la cabeza con los brazos. ¡Chas!, ¡chas!, sonaba la fusta y cada gemido de la esclava inflamaba más la hoguera del ama. Ocho, nueve, diez azotes cayeron resonando como fogonazos ardientes sin que Hortense, roja y sudando, con la torre del peinado desmoronándose en mechones patéticos, diera muestras de saciarse. (ALLENDE, 2009, p.224)

De todas maneras, la presencia de azotes demostraran que los blancos recibían solamente el desprecio de los esclavos, que no veían con respeto, como sus amos, sencillamente como demonios de una vida infernal, esa hoguera en la alma de Teté era más un grito de resistencia y de deseo comunal de poner fin en la esclavitud, sin ningún remordimiento, la voluntad era que finalmente las esclavas lograsen libertarse de las cadenas, que no era una maldición ser negro (FANON, 2008, p. 56) “Se soy negro no es por causa de una maldición, mas porque tengo extendido mía piel, pude captar todos los efluvios cósmicos. Yo soy verdaderamente una gota de sol sobe la tierra...”<sup>38</sup>

La identidad de las mujeres negras se mantiene históricamente desde un imaginario racista dominante, encerrado en estereotipos que exaltan prejuicios sociales; por ejemplo, aún hoy se concibe el cuerpo de la mujer negra como un cuerpo más cerca de la sexualidad; se les reconoce sólo como trabajadoras domésticas, se intuye que tiene una baja educación y una cultura no deseada. (ÁLVAREZ, 2015, p.39)

En virtud que la construcción de representatividad fue presentada en la personaje Zarité Sedella en la obra “*La isla bajo el mar*”, presentamos todos los elementos que les causaran aflicción y cicatrices en el alma, todo castigo fue un modo de imponer a Zarité que en la vida solamente los más fuertes deberían sobrevivir al acto deshumanizador que los blancos practicaran, “*Han pasado cuatro años y estamos en 1810. Le he perdido el miedo a la libertad, aunque nunca le perderé el miedo a los blancos. Ya no lloro por Rosette, casi*

---

<sup>38</sup> Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra...

*siempre estoy contenta*” (ALLENDE, 2009, p.341) la violación siempre va ser un momento morboso para la esclava y que iba cargar lo perjuicio y tortura en la piel.

El histórico lazo que une a las mujeres negras -las cuales han sufrido sistemáticamente el abuso y la violación de los hombres blancos- con los hombres negros -quienes han sido mutilados y asesinados a causa de la manipulación racista de la acusación de violación- apenas ha comenzado a ser reconocido a un nivel significativo. (DAVIS, 2005, p. 176)

Delante de lo expuesto, el discurso de la protagonista evidencia que la luchas de los negros con las atrocidades recibidas por años la idea de libertad es casi que ilusoria, en todo tiempo el negro iba cargar en su cuerpo las marcas y el sentimiento de revuelta por siglos, “La paradoja entre el discurso de la libertad y la práctica de la esclavitud marcó el ascenso de una sucesión de naciones occidentales dentro de la incipiente economía global moderna.” (BUCK, 2005, p.12), eso lleva la mujer de la desgracia hasta la gloria y comprensión de su propio yo.

Podemos concluir con esa análisis que después de muchas batallas, y perder su hija Rosette, revela Zarithé, una niña con once años violada sexualmente, torturada, ser madre de Maurice, sufrir incasablemente en búsqueda de libertad, presenta una heroína, un reflejo de todas esclavas que cargaran el alma la bestialidad humana y tener su libertad a través de la emancipación y de la independencia del Haití, transforma y construye la representatividad negra en todos los espacio con poder, voz, fuerza y principalmente libertad “*De vez en cuando viene Erzuli, loa madre, loa del amor, y monta a Zarithé. Entonces nos vamos juntas galopando a visitar a mis muertos en la isla bajo el mar. Así es.*” (ALLENDE, 2009, p.344). Reconocemos el valor de Zarithé Sedella como mujer negra de representatividad y libre.

## CONSIDERACIONES FINALES

En suma, con embasamiento en la narrativa “*La isla bajo el mar*” de Isabel Allende, el personaje principal de nuestra pesquisa Zarithé Sedella, es notorio percibir que el sistema de colonización y la esclavización tuvo efectos catastróficos para el pueblo negro. Por lo tanto, al conocer Zarithé comprendemos la importancia de la representatividad negra de la protagonista en frente los combates, de toda su lucha y trayectoria “Después de todo los negros, se creía, carecían de voluntad, capacidad organizativa y espíritu de lucha.” (AGUIRRE, 2005, p.6)

Es decir, ella son un símbolo de representatividad de un modo indiscutible, que las características expresivas como maternidad, negritud y revolucionaria en frente la Revolución

Haitiana, construye una nueva personalidad de las mujeres que luchan por sus objetivos y libertad, en una análisis crítica y profunda en relación al aspectos que garantizan esa visibilidad, además de eso trae una nueva dinámica y más posibilidades, llevando para los demás la representación para una sociedad podemos decir poco representada.

Mientras, utilizar la literatura afrodescendiente como herramienta de aprendizaje en las clases de lengua extranjera es búsqueda de igualdad, llevar para las escuelas, implica en conocer la literatura y crear una opinión crítica en relación al machismo y racismo, que la mujer negra no es servil e ignorante que no debe ser menospreciada por su pasado y discriminada por la sociedad, que debe ser reconocida por todos como una mujer fuerte y libre.

Para terminar, debemos decir que el afrofeminismo se tornó indispensable en esta lucha ardua en busca de respecto e igualdad de género, que la literatura ofrece ventajas para manifestar la insatisfacción y también las victorias que la raza negra y las mujeres viene logrando, ellas deben ser inserida en la sociedad igual a todas, que debe romper barreras, tener voz y autonomía, debe autodefinirse, reconocer y valorar su herencia africana como un símbolo de resistencia y representatividad negra.

## REFERENCIAS

ALLENDE, Isabel. **La isla bajo el mar**. Vintage, 2009.

AGUIRRE, Carlos. **Silencios y ecos: La historia y el legado de la abolición de la esclavitud en Haití y Perú**. A Contracorriente: una revista de estudios latinoamericanos, v. 3, n. 1, p. 1-37, 2005.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ÀLVAREZ, Ossa Lorena. **Mujeres, pobres y negras: triple discriminación: una mirada a las acciones afirmativas para el acceso al mercado laboral em condicones de trabajo decente em Medelín**. Escuela Nacional Sindical. 2015.

ARISTIDE, Bertrand –Jean. **Toussaint L’ouverture la revolución haitiana**. Ediciones Akal, S. A., 2013.

ARMITAGE, David. **Tres conceptos de historia atlántica**. Revista de Occidente, v. 281, n. 7, p. 28, 2004.

BAJINI, Irina. **Mujeres y Emancipación de la América Latina y el Caribe en los siglos XIX y XX**. Ledizioni, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **Fatos e mitos**. Difusão europeia do livro, 1960.

BEAUVOIR, Simone de. Le deuxième sexe. In: **O segundo sexo, 2: a experiência vivida**. 1980.

- BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi. **El lugar de la cultura**. Buenos Aires: Editorial Manantial, 2002
- BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 224 p.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**/ Pierre Bordieu; tração Maria Helena Kuhner. – 2º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia das letras, 2002.
- BUCK-Morss, Susan . **Hegel y Haiti**. - 1a ed. - Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2005.
- BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. EDITORIAL SÍNTESIS, S. A. Vallehermoso. 34. 2S015 Madrid. 1997.
- CONSEJO DE LA MAGISTRATURA DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. **Género, esclavitud y tortura: a 200 años de la Asamblea del año XIII** . - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Jusbaire, 2014.
- CABRERA, Susana. **Las esclavas del rincón**. Montevideo: Fin de Siglo, 2001.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispano-Americano**. São Paulo: Perspectivas, 1980.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1º Ed. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1978.
- CHIRIBOGA, Argentina. **Jonatás y Manuela**. Quito: Editorial de la Casa de la Cultura Ecuatoriana Benjamin Carrión, 1994.
- COSTA, Ana Alice. SARDENBERG, Cecília Maria. **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas** .organizadoras. – Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.
- DAVIS, Angela. **Mujeres, Raza y Clase**. Ediciones Akal, 2005.
- EICH, Milena Campos. **Deuses que dançam e conclamam à revolução: feminismo, afeto e resistência no Haiti colonial de Isabel Allende**. Jundiá: Paco Editorial, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Apagar os rastros, recolher os restos**. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime. Walter Benjamin – rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 27-38.
- GRONDIN, Marcelo. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUTCHEON, Linda, 1947. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**/ Linda Hutcheon; tradução Ricardo Cruz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. 330p.

JABARDO, Mercedes. **Feminismo Negro. Una antología**. Traficantes de sueños. 2012.

JOZEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Aves, 2006.

LORENZ, Federico. Resistencias. In: SARMENTO-PANTOJA, Augusto; OLIVEIRA, Mara Rita Duarte; NOGUEIRA DE SOUSA, Rosângela do Socorro; CHABABO, Ruben (Org.) **Memória e resistência: percursos, histórias e identidades**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

MARCONDES, Mariana Mazzini. **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil** / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 2013. 160 p. : gráfs., tabs.

MARRA, Eugenia. **Revisión histórica y resistencia de la mujer negra en la nueva slave narrative: Free Enterprise de Michelle Cliff**. In: BONFIGLIO, Florencia; AIELLO, Francisco (Org.). Las islas afortunadas: escrituras del Caribe anglófono y francófono. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Katatay, 2016, p. 85-99.

MARTÍNEZ PERIA, Juan Francisco. **La Revolución haitiana y su ideario político: la universalización de la libertad y la igualdad**. In: SÁNCHEZ CUERVO, Antolin, VELASCO GOMÉZ, Ambrosio (org.). Filosofía política de las independencias. Madri, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MORENO, Renata. **Reflexões e práticas de transformação feminista**/ Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 4)

NARLOCH, Leandro. **Achados e perdidos da história: escravos**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado** / Abdias Nascimento. - 1.ed. - São Paulo : Perspectiva, 2016. 232 p.; 19 cm.

NAVARRO, Márcia Hope. **A mulher em Eva Luna de Isabel Allende**. *Travessia*:. Florianópolis, n. 21, p, 172-180, 1990.

PERROT, Michelle. **Mi historia de las mujeres** - 1a ed. 1a reimp. - Buenos Aires: Fondo Cultura Económica, 2006.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005.

REINOSO, Mariel; DER WALDE, Von. **Mujeres en la literatura Escritoras**. México. Distrito, 2009.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alein François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?**. Editora Companhia das Letras. 2018.

SANTOS, Ana Cristina dos (Org.). **Deslocamento, identidade e gênero na literatura latino-americana contemporânea**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, 1957. **O espetáculo das raças : cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930** / Lilia Moritz Schwarcz. — São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Liliam Ramos. **El negro toma la palabra y (re)cuenta la historia: la conformación de la identidad negra en novelas históricas hispanoamericanas hispanista – Vol XV - nº 56 – Enero – Febrero – Marzo de 2014**.

SILVA, Tatiana Dias. GOES, Fernanda Lira. **Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes/** Tatiana Dias Silva, Fernanda Lira Goes, organizadoras. – Brasília: Ipea, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa– Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133.p (Babel).

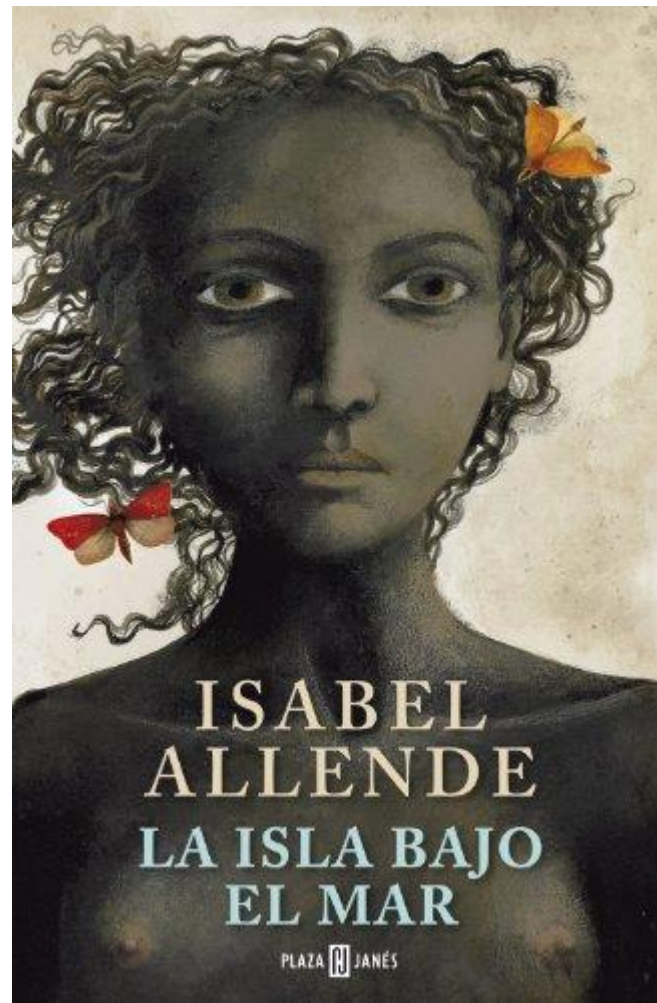
TUDELA, Dolors Cuenca. **Adrienne Rich: Nacemos de mujer: la maternidad como experiencia e institución**. Diablotexto: Revista de crítica literaria, n. 4, p. 373-376, 1997.

TRUTH, Sojourner Speeches and Commentary, acesso em 10 junio. 2019, disponible: <http://www.sojournertruth.org/Library/Speeches/Default.htm>.

ZAWIERZENIEC, Maja. **La mujer en el mundo latinoamericano**. Edición Redakcja wydawnicza. 2015

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo y esclavitud**. Traficante del sueños.1928.

**ANEXO A- “LA ISLA BAJO EL MAR” DE ISABEL ALLENDE**



FUENTE: <https://www.amazon.com.br/isla-bajo-mar-Spanish-ebook/dp/B00H4H1G9Q>